

## **DOENÇA E CURA**

### **O Antivampiro**

**(trechos - capítulo 3)**

*Fabian Balbinot*

*Para M. P.*

É, meu amigo... a vida tem dessas coisas...

A gente nasce, cresce, envelhece vivendo uma porção de situações diferentes, descobrindo coisas, vendo o sol nascer e se por no horizonte com nossos próprios olhos, e no fim das contas, morremos, e outros de nossa laia nos transformam em um mero ornamento de caixão, um petisco para a terra engolir, carne, ossos e madeira nobre, podre, tudo desaparecendo no esquecimento, coberto de humo e minhocas, capim nascendo em cima.

A gente... na verdade, nem todos. Eu não tive essa mesma sorte, ou azar, o que quer que seja.

Nasci, cresci, envelheci, concordo, como acontece com todo mundo. Mas...

Vamos aos fatos, caro colega. Eu não sou mais humano. Não sei mais como se faz para morrer. Morrer de velho, ou de doença, como todos costumam morrer por aí, e isso faz um bom tempo. Há uns cinquenta ou sessenta anos que eu vivo durante a noite e morro durante o dia, enterrado dentro de um caixão, ou de um caixote, ou metido em um porão, enfiado em algum bueiro... até na própria terra eu já me escondi, virando um nada e sumindo junto ao solo, para poder dormir e morrer um pouco mais, como todos os meus parceiros, meus "colegas de profissão" têm o costume de fazer, todo o santo dia.

Sim, se você é cria desse último século que passou, e nasceu na parte mais civilizada e capitalista do mundo, é bem provável que você já esteja sabendo com QUEM você está falando. Qualquer criança de colo do mundo capitalista reconheceria em um instante o meu modo de vida... Bom, talvez nem todos. Penso eu que dormir de dia e acordar à noite talvez não sejam atributos suficientes para distinguir minha "profissão" de tantas outras que há por aí, no mercado. Posso lhe garantir, caro amigo, que eu não sou um vigia noturno, apesar de que vigiar, espreitar, espionar, sejam tarefas primeiras que sou obrigado a desempenhar a cada noite que passa. Você já ouviu falar de vigias noturnos que dormem em caixões?

Acho que falta um detalhe. O detalhe mais importante.

O sangue...

Descobriu? Sangue, dormir de dia e ficar acordado à noite... O que é, o que é?

Sim, acertou quem disse que eu sou um vampiro. Não, eu não sou um médico residente do turno da noite em um banco de sangue - estes TAMBÉM não dormem em caixões...

Sugamos sangue dos vivos e o transferimos aos nossos respectivos reservatórios de um modo bem semelhante ao que devem fazer os médicos em um banco de sangue. Mas, não é a mesma coisa. Não preciso de um salário todo comprometido pelo pagamento de refeições, despesas, contas, impostos e passagens de ônibus e de taxi para viver. É muito menos de litros de cafeína para poder ficar horas e horas sucessivas desperto e atento na escuridão da madrugada.

Meu "emprego" é muito melhor. Meu trabalho é vitalício. É também estranho e bizarro, mas torna-se muito divertido quando a gente consegue se acostumar com ele, o que não acontece com todo mundo. Minha aposentadoria já está garantida, pelos séculos dos séculos, amém.

Como eu disse, sou um vampiro. Uma sanguessuga em formato humano, tamanho extra-grande. Meu serviço é andar pelas noites, vigiando, espreitando, espionando. O sangue dos vivos é meu pagamento. A morte-vida é minha aposentadoria - e veja bem: trata-se de uma aposentadoria saudável. Diferente de outros tantos aposentados mortos-vivos por aí, eu trabalhei e fiz minha parte durante minha vida toda, e não estou lesando os cofres públicos de meu país de origem com uma pensão cem vezes maior do que a que eu realmente mereceria.

Na verdade, não cheguei a ter sequer o direito a uma aposentadoria como vivo. Sou de épocas distantes, de antes das leis beneficiarem quem trabalha, se bem que hoje em dia, apesar das tantas e quantas leis promoverem benefícios a quem trabalha de verdade, o esquema ainda é o mesmo, funciona da mesma forma, e quem trabalhou a vida inteira não vai conseguir mais do que migalhas no final. A corrupção continua sendo a característica mais humana que existe. Tudo pode ser arranjado. Quem mais tem, mais quer, como sempre. Isso faz parte da natureza humana, e nunca vai mudar.

Bem... Como eu dizia a princípio, a gente nasce, cresce, envelhece e morre. Comigo não foi bem assim.

Minha vida não era uma vida boa. Trabalhar desde pequeno, criando calos nas mãos e sendo espancado em casa por pai e mãe, que tomavam turnos nesta tarefa. Ganhar menos do que o pão nosso de cada dia, e ainda morrer um pouco por vez, intoxicado, aleijado, envenenado e sem aposentadoria ou seguro-saúde, sem regalia alguma, vítima da falta de infra-estrutura típica dos primórdios da Revolução Industrial. Muita gente que, como eu, nasceu há mais de cem anos saberia relatar o que acontecia naquela época, e poderiam até acrescentar os tantos detalhes que eu fiz questão de esquecer.

Infelizmente, são poucos os aposentados de mais de cem anos que ainda há no mundo. A maior parte deles sequer consegue falar.

Minha vida que não era uma vida boa mudou drasticamente, de uma hora para outra, mais ou menos entre o crescer e o envelhecer, ou entre o crescer SEM envelhecer e o morrer; entre o pouco de esperança que minguava e o desespero que só fazia aumentar.

O fato é que me tornei isso que sou hoje, e ainda por cima não morri. E digo mais: o desespero sumiu por completo, e a esperança... bem, esperança não é

exatamente algo com o que eu tenha o hábito de me preocupar. Esperança é um sentimento típico de quem tem a morte pela frente. Pode-se até estabelecer uma função matemática, que diz que a esperança é direta ou inversamente proporcional à aproximação da morte, mas isso depende muito de cada indivíduo, do dia da semana, de quantos filhos se tem ou da mulher com quem se esteve na cama ontem, etc. e tal.

Tive tempo para estudar um pouco de matemática, depois que entrei nessa nova vida. E eu adoro matemática. Dois e dois são quatro. É tudo exato, por mais complexo que seja. Diferente da esperança, que muitas vezes não tem lógica, e não parece resultar de cálculo algum.

Não tenho esperança nenhuma. Sou um vampiro. Saio à noite para caçar quando tenho fome, integrando-me como posso à cada vez mais estranha e caótica sociedade humana.

Não é muito difícil sair para caçar. As pessoas de sangue quente que perambulam por aí à noite são todas imbecis, e as que não são fazem questão de entrar no clube, bebendo até caírem. É um verdadeiro banquete para mim e para meus colegas de ofício.

Ser um vampiro velho e experiente tem suas vantagens. A gente aprende alguns truques no trato com o sangue e com a jugular dos outros. Por exemplo, não é recomendável matar pessoas. Sabe, sugar até o fim. Matar é pecado, é crime, e dá processo e cadeia. A polícia começa a ficar desconfiada, a perseguir pessoas e a invadir lugares escuros durante a noite. Os padres e crentes enlouquecem e passam a querer exorcizar tudo. Exterminadores de pragas passam veneno pelos lugares. Empresas de demolição colocam prédios abaixo. Governos declaram guerra e empresas declaram greve. A economia despenca, a inflação cresce e o mundo inteiro desaba com toda a sorte de possíveis desdobramentos. E isso tudo pode nos trazer muitos problemas.

O ideal é sugar um pouco por vez. Eu, de minha parte, consigo viver bem com meio litro durante cada noite, isso quando encontro-me em uma temporada estável, em que o repasto é farto e ninguém dentre os vivos desconfia de nada. Este tipo de situação em que o alimento abunda e a vida é mansa nem sempre é comum para gente como nós, pobres vampiros. Por exemplo, a situação pela qual estou passando AGORA não tem nada de convencional. Isto está me deixando nervoso, tanto que resolvi escrever para ordenar as idéias e relaxar um pouco. Mas eu prefiro relatar mais tarde sobre essa situação nova que estou vivendo há alguns dias, mesmo porque ainda não consigo entender direito tudo o que aconteceu. Preciso de um pouco mais de tempo para dar prumo ao pensamento e lembrar todos os acontecimentos, um após o outro. Quem sabe assim eu consiga elaborar alguma teoria que explique as grandes "perdas" que tive nestes últimos dias.

Retornemos ao assunto anterior. Diferente de nós, vampiros, o ser humano convencional é muito estranho, complicado e imprevisível. E conforme as gerações passam, parece que pior se torna. Os modismos se sucedem como governos tirânicos, e as pessoas, idiotas que são, incapazes de reagir contra a tirania, vivem e morrem para se adaptar a eles.

Cerca de um ano atrás eu vi uma garota em um lugar que cheirava a suor e sexo, e ela estava com um cabelo verde despenteado comprido e composto em um estranho corte amarrado com laços coloridos em três ou quatro diferentes pontos, um par de lentes de contato de cores diferentes, e uma colorida roupa que eu acho que era de palhaço, rebocada de maquiagem, fedendo a três ou quatro tipos

diferentes de perfume e com o hálito impregnado por diversas outras substâncias, óculos escuros de borda clara mesmo sendo noite, milhares de pulseiras, anéis e outros tantos penduricalhos, dizendo com voz e jeito de prostituta estar na última moda.

Suguei seu sangue acre de aguardente, licores e cerveja daquela vez.

Há um mês, mais ou menos, eu vi a mesma garota em um local diferente, que possuía fragrâncias de requinte, carreira e esnobismo, e ela estava vestida com um elegante terno feminino e gravata, impecáveis, cabelo negro curto e cuidadosamente penteado, coberto com uma espécie de gelatina que servia para fixá-lo, lábios vermelhos de batom, perfume do mais caro e suave que possa existir, não mais do que algumas gotas nos pulsos e no pescoço, pouca maquiagem e óculos quadrados com lentes de em torno de um grau, para miopia. Era uma solenidade nobre, e eu estava lá por que os bons vampiros conseguem se relacionar com a culta nobreza da sociedade humana tão ou até mais facilmente do que se relacionam com as supersticiosas ralés.

Naquela noite, a tal garota me disse com voz de secretária bilíngue que as modas são passageiras, e que o destino do mundo passava pelos investimentos em cotas de sociedades anônimas globalizadas, em debêntures e na área agrícola de base dos países emergentes do terceiro mundo, entre outras tantas coisas complicadas, especulação, compra e venda, comodato, alienação fiduciária, estabelecimentos pecuniários e sei lá mais o quê...

Suguei seu sangue seco de vinho branco e whisky caro, então. E ainda tomei algumas cédulas de pequeno valor 'emprestadas' para pagar o táxi.

Não faço a menor idéia da situação em que tal jovem se encontra atualmente. Parece que morreu em um acidente de carro.

No fundo, não importa. O que importa é que nem carreira e nem moda significam muito para nós, vampiros. Isso sem contar que é muito difícil que venhamos a morrer em acidentes de carro.

Faz muito tempo que eu não bebo sangue humano adulto que tenha gosto apenas de sangue. Geralmente o sangue das pessoas de hoje em dia tem o aroma do sucesso na profissão, dos negócios, de fumo de charutos e álcool importado, ou então tem aquele gosto forte do fracasso e da bebedeira, da vida jogada fora, de maconha, cocaína e álcool vagabundo.

Enfim, sangue humano, hoje em dia, sempre tem gosto de álcool e de fumo ou de outras coisas que se pode fumar ou injetar ou engolir. Talvez nem mesmo o sangue das crianças ainda apresente um gosto de sangue de verdade, o que me causa um certo alívio, uma vez que não tenho o costume de beber sangue de crianças. Tenho o maior respeito pela mocidade e pela juventude. Nenhuma criança de menos de quatorze anos, em minha opinião, é responsável por qualquer besteira que venha a fazer. Sempre há algum adulto metido na história, corrompendo de alguma forma a inocência juvenil.

Por isso, não molesto crianças. Questão de princípios, sabe.

Percebo o quanto escrever ativa nossas memórias. Não é a área em que sou um ás, a escrita, ao contrário da memorização, no que sou um especialista. Mas os tantos anos de vida que se sucedem sem fim e os tantos textos e livros a que se pode ter acesso durante esse tempo, tudo isso vai servindo para que pessoas como eu adquiram experiência em diversas áreas, e a escrita é uma delas.

O problema é que existe esta louca vontade de trocar de assunto, e escrever um pouco a respeito de tudo. E, hoje em dia, com os computadores e os apartamentos

fechados dos hotéis, em que as diárias exorbitantes garantem uma certa privacidade, uma criatura criativa como eu sente-se no direito de escrever um pouco sobre suas mais distantes lembranças. Os computadores são uma maravilha da tecnologia humana, e aprendendo a se lidar com eles de forma correta, a facilidade da redação é quase inacreditável, principalmente para alguém como eu, que veio de uma época e de um lugar em que um toco de lápis e uma folha de papel eram considerados artigos de luxo, e que hoje desfruta de algumas habilidades especiais...

Não era essa a idéia que me fez escrever, reviver minhas lembranças, e ficar falando de assuntos diversos da vida humana.

Na verdade, eu tenho um problema. Um problema que me parece ser um tanto ou quanto grave, e escrever me faz pensar com calma, permitindo que eu possa elaborar conjecturas a respeito dos motivos que deram origem a tal problema, e das soluções que possam ser encontradas para se lidar com ele.

Pelo menos, eu acreditava que, escrevendo, eu conseguiria pensar melhor no assunto. Deve ser a dispersão natural das primeiras linhas, coisa que eu já vi em livros por aí afora, quando o primeiro capítulo descreve momentos e lugares que nem sempre apresentam algo em comum ou são de pouca relevância para com o desenrolar da história.

Vou parar por aqui, hoje. Realmente, relendo, o que já digitei revela o quanto eu desviei do assunto que realmente me interessa. Poderia apagar tudo o que já escrevi com uma série de toques combinados de teclas, e realmente o fiz, porém, outros toques, ainda mais simples, fazem-me voltar no tempo, retornando meu texto ao que era antes. É a magia do processamento em Gigabytes por segundo, dos backups e da redundância dos arquivos. A genialidade humana, divina, sempre contrastando com sua própria corrupção, tão diabólica.

Salvo em discos rígidos de metal sobreposto o que escrevi, alertando a mim mesmo para que continue amanhã, ou em algum outro dia, evitando as entrelinhas, indo direto ao assunto - ao problema que, comigo mesmo e com esta extensão virtual de minha memória, eu quero discutir.

\* \* \*

Esta é a segunda noite seguida em que escrevo.

Como nada de muito estranho ou diferente aconteceu de uma noite para outra, resolvi levar mais a sério o que estou escrevendo. De certa forma, pretendo apresentar minha pessoa ao estimado leitor. De certa forma, digo, porque como mandam as normas que regem a conduta dos vampiros, não posso revelar nomes, nem locais exatos, nem nada que possa conduzir alguma pessoa de sangue quente, rival ou outro tipo de inimigo a mim ou a qualquer um dos poucos que comigo costumam se relacionar. De fato, não posso revelar nada que comprometa a situação de qualquer outro vampiro existente na face da terra inteira.

Parece ridículo, eu sei, "como mandam as normas que regem a conduta dos vampiros" é uma das frases mais imbecis que já tive a oportunidade de ler em toda a minha vida. Soa imbecil, ficção barata do nível menos verossímil... bem o sei. O parágrafo anterior inteiro está terrível. Mas, por incrível que possa parecer, é assim mesmo que nossa vida noturna funciona, há muitos milhares de anos.

Posso garantir, com a experiência de vampiro velho, tarimbado, que há não mais do que um punhado de regras quase medievais servindo de alicerce para o

funcionamento da sociedade dos vampiros, muito provavelmente desde o momento em que ela passou a existir. São quatro ou cinco regras básicas, mandamentos, relativamente simples de se entender, e nem tanto de se cumprir. Infelizmente, não me é permitido revelá-los a quem quer que seja que não a outros de minha raça.

"Não matar, não roubar, não cobiçar a mulher do próximo"... é tudo muito parecido. A diferença é que somos vampiros, e vampiros tem certas habilidades, certos poderes de super-homem, e nossas regras, nossos mandamentos, eles tratam principalmente do controle, da contenção de nossos poderes sobrenaturais. Ou você, amigo de sangue quente que porventura possa estar lendo isto, realmente acredita que AINDA não teríamos dizimado com o seu pessoal caso os nossos super-poderes não tivessem um uso restrito a partir de nossa própria opção?

Muitos predadores da natureza nascem, crescem e desfrutam de seu ciclo de vida praticamente em meio às suas presas. O louva-a-deus nasce no meio da relva, onde está cheio de todos os tipos de outros insetos, dos quais ele vai se fartar durante boa parte da sua curta vida. Lagartos nascem bem próximos das cobras de que se alimentam. Crocodilos nascem nos ribeirões onde praticamente tudo se move e é comestível. Sapos acham comida em praticamente todos os lugares. Peixes nascem no meio de outros peixes, e por aí afora.

A diferença que existe é a QUANTIDADE muito menor de predadores que nascem junto de suas presas. Para cada louva-a-deus que nasce e permanece vivo, escapando da voracidade de seus próprios irmãos e de outras coisas ainda piores, podem nascer entre mil e um milhão de possíveis vítimas, praticamente ao mesmo tempo, no mesmo exato instante em que nosso querido predador esverdeado sai de seu ovo. E isso tudo dentro de um espaço de não mais do que um metro cúbico de relva!

Você, mísero humano de sangue quente, duvida que um milhão de pequenas criaturinhas possa surgir de repente, eclodindo de ovos, ovas, pupas, casulos, e outros tantos nascedouros, em um espaço tão reduzido? Humanos são sempre humanos, com sua visão restrita, seu olfato inexistente e audição ridícula. Caro amigo que lê estas linhas, eu, que já transformei a mim mesmo em terra e humo para fugir da perseguição tanto de poderosos inimigos quanto do sol incinerante, posso lhe garantir que a vida é bem mais intensa e ilimitada do que dão a entender os limitados pares de órgãos sensores humanos.

Voltando ao assunto, nós, vampiros, também somos predadores. E posso dizer que a primeira regra que seguimos, como bons predadores, é a de nascer no meio das presas. Sim, como os louva-a-deus no meio dos gafanhotos, nascemos junto aos humanos. Somos em uma quantidade infinitamente menor, apenas.

Não que os poucos nascimentos e o fato de que os incubadouros de vampiros estejam todos localizados razoavelmente próximos dos humanos venha a ser uma de nossas regras, um de nossos mandamentos de existência. Na verdade, como eu disse antes, nossas verdadeiras regras regulamentam o uso de nossos poderes sobrenaturais, e também nosso próprio inter-relacionamento, a convivência pacífica entre os vampiros. O fato de sermos poucos, e de poucos de nós "nascerem" - surgirem, seria um termo mais adequado - não passa de um golpe de lógica da natureza. Somos poucos porque QUEREMOS ser poucos. De vez em quando, um bando de malucos e novatos qualquer sai por aí imaginando que a tal morte-vida é uma bênção divina, e fazem a besteira de transformar todos os vivos que aparecem pelos seus caminhos em novos vampiros. Posso garantir que estes tipos de idiotas duram pouco. Somos, em nossa maioria, criaturas extremamente territoriais, e

costumamos expulsar ou liquidar nossas próprias crias caso estas não se mudem para um outro território, ou não nos expulsem ou liquidem antes.

O fato é que não temos tempo e nem paciência para ficarmos discutindo muito e tentando entrar em acordo a respeito de nossos territórios de caça. Alguns de nós podem dar cabo de qualquer concorrência com um simples gesto - por que haveríamos de ficar alimentando intrigas territoriais?

Estou desviando do assunto de novo. Escrever é assim mesmo. Recomendo a escrita como uma forma de terapia a qualquer um que queira se distrair e não saiba mais como fazê-lo. Escreva a mão mesmo, em uma folha, e depois jogue tudo fora ou guarde bem longe da vista de todo mundo, caso você realmente acredite que jamais poderá vir a ser um escritor famoso. Mesmo em se considerando a quantidade exorbitante de escritores medíocres que há publicados por aí - os quais poderiam ter seguido este meu último conselho, jogando seus 'trabalhos' na lata do lixo - o que realmente importa é libertar a mente, tentando pensar e organizar as idéias na mesma velocidade em que o lápis desliza pelo papel, ou que os dedos tocam as teclas.

Meus dedos tocam as teclas muito rápido, posso garantir. As idéias descem da mente para a tela do computador em uma velocidade realmente surpreendente... ou pelo menos era isso o que costumava acontecer, até cerca de uns dez dias atrás. Ontem também aconteceu, e eu consegui digitar as informações que surgiam em minha mente com a fúria espantosa com que elas iam surgindo. Por sorte, este teclado é especial, coisa de profissional, capaz de aguentar o tranco. Acho que, se fosse um teclado de segunda mão, estaria destruído em não mais do que alguns minutos de minha impressionante digitação turbo! As teclas simplesmente saíam voando pelos ares...

Hoje, no entanto, a coisa não está acontecendo dessa maneira. Está tudo muito lento... O poder não se manifesta, e eu não faço a menor idéia do porquê disso estar acontecendo.

Meus movimentos corporais podem ser incrivelmente rápidos, bastando que eu assim deseje - essa é a norma. É assim que deveria funcionar, pois sou um vampiro, e muitos de nós são céleres a ponto de praticamente conseguirem se teletransportar de um ponto a outro no espaço, de tão rápido que pode se dar seu deslocamento. Com um mínimo de concentração, esta habilidade pode ser transferida para uma série de outras atividades, tais como a digitação.

Sou um dos que possui esta habilidade. Consigo me mover muito rápido, e no caso da digitação, basta que eu consiga estabelecer uma linha de pensamento sequencial e coerente para que diversas palavras por segundo sejam arremessadas de encontro à tela, via teclado. Centenas e às vezes milhares de toques por minuto, em um ritmo não-constante, intercalado por demoradas interrupções, isso porque o cérebro parece não conseguir se adaptar por completo à habilidade, e o ritmo lento e instável do raciocínio acaba servindo como freio para os dedos.

Se não fosse o pensamento, muito mais lento que o corpo durante o uso da habilidade, tenho certeza que já teria passado não apenas a digitar como também a viver muito mais rapidamente, longe da compreensão e do campo de visão humanos. Uma anomalia cósmica deturpando o espaço-tempo, um paradoxo ambulante...

Como eu disse, hoje, esta habilidade não está funcionando.

Devia estar funcionando, mas, não sei por que, não está.

Sinto-me estranho, digitando devagar. Sou obrigado a pensar várias vezes no mesmo assunto, até que a linha esteja completa, e toda a idéia tenha aparecido corretamente na tela. Isso me deixa cansado, extenuado. As idéias somem muito rápido e não consigo acompanhá-las.

Fora o cansaço, a única coisa que eu sinto é um vazio no peito. Um vazio que parece se deslocar de um lado para outro, conforme eu tento fazer uso de minha habilidade de ser rápido.

É muito parecido com a chave de ignição que alguém gira sem parar em um carro. A pessoa tenta e tenta, inúmeras vezes, mas o carro teima em não funcionar.

A única diferença é esse vazio... essa estranha sensação se deslocando de lá pra cá em meu peito, na minha barriga.

Não sinto nada assim desde que eu era vivo, e, sou franco em dizer, isso me deixa com fome.

Tentarei continuar em um próximo capítulo, em um próximo momento, com mais clareza, talvez.

Até breve, caro leitor.

Nota.: lembrar de apresentar-me ao leitor (não fiz isso ainda).

\* \* \*

Eis que aqui me encontro novamente, diante do computador.

Ainda falta algum tempo para o dia clarear.

Alimento. Era isto o que eu necessitava.

Sangue.

Percebo que minhas capacidades extraordinárias de vampiro já estão novamente ativas, e posso digitar incrivelmente rápido como antes.

Parece que não bebo alguns litros de sangue quente há alguns meses.

Acho até que devo ter matado alguém.

Não que eu realmente me importe com isso. De vez em quando é necessário. Às vezes a gente perde o controle e acaba cometendo algum deslize, e algum pobre humano então paga com sua vida para que nos possam ser concedidas mais algumas noites de calma em nossa pós-vida.

São os ossos do ofício de ser um predador. São os ossos do ofício de ser presa.

E não há nenhuma regra que nos diga "não matarás aquele de quem te alimentas", assim como não parece haver semelhante regra para muitos humanos, traficantes e mafiosos, presidentes de nações, donos de grandes conglomerados de empresas, banqueiros, esposos machistas...

É lógico que matar pode nos trazer muitos problemas. A imprensa, a polícia, o acaso, tudo parece conspirar contra alguém que vive à noite e permanece inconsciente durante o dia, pois é durante o dia que as pessoas inteligentes trabalham e verificam as pistas e informações que encontraram durante as noites de busca.

Acho que é por isso que costumamos matar mendigos. Mendigos são como corvos e abutres para uma sociedade podre e falida como é a sociedade humana. Meras ratazanas insignificantes que não costumam reagir, vivem de migalhas, e um tiro certo que venha a derrubar um deles não servirá para mais nada que não seja espantar por alguns instantes o resto do bando.

Mate um mendigo de um modo anônimo e faça um bem para a sociedade. Caso o seu nome, contudo, venha a aparecer nos jornais, adeus vida, ou no nosso caso, adeus morte-vida, como queiram os ficcionistas.

Nota (adicionada posteriormente): Não é recomendável que você siga o conselho acima, caso seja um ser humano normal. Vampiros sabem COMO matar alguém muito melhor do que humanos normais, e não cometemos deslizes, nem deixamos pistas - além do mais, NINGUÉM acredita em nós, mesmo! É de se duvidar que um detetive vá levantar a ficha criminal de uma pessoa morta há cinco décadas...

Matar um mendigo e aparecer nos jornais como autor da façanha faz ainda mais bem para a sociedade. Não que isso seja proveitoso para quem matou o mendigo. Pode ser pior do que ser preso como traficante de drogas, assassino de aluguel, qualquer coisa. Conheço alguns casos de antigos colegas meus que não estão mais entre nós por cometerem o erro de matarem algum indigente e aparecerem nos jornais depois... Mas não estou disposto a comentar a respeito de meus camaradas tombados no campo de batalha.

Na verdade, tenho dois assuntos a tratar. Primeiro, vou fazer um sumário de quem e o que sou. Tenho que me apresentar, mesmo que sem citar nomes. Colocar alguma que outra referência bibliográfica que indique ao menos em parte quem foi o responsável por estes escritos que ora transmito à posteridade.

O segundo assunto diz respeito àquele problema que venho mencionando durante o andamento destas minhas memórias, e também à fisiologia típica dessas criaturas que rendem tantos filmes e tantos contos de ficção: nós mesmos, os vampiros. Pretendo estabelecer uma relação entre o estado em que meu corpo se encontra hoje e o seu estado normal de funcionamento. Confesso que não me sinto bem como deveria me sentir, e isso já vem acontecendo há algum tempo. Minha intenção é forçar a memória e tentar achar uma explicação, algum deslize que eu possa ter cometido durante alguma de minhas excursões noturnas.

Sei lá... posso ter pegado alguma doença. Diferente do que os autores escrevem, vampiros são seres tão vivos quanto quaisquer outros. Pelo menos, é nisso que EU acredito, e sou a evidência viva de que posso ter muito mais razão em minhas conjecturas do que meros autores de prosa romântica moderna, que quando não sabem do que estão falando, inventam, ou pior: copiam dos outros autores.

A propósito, caro leitor... Você realmente acredita nos livros e filmes sobre vampiros?

Lá vou eu novamente escapular pelas entrelinhas de um assunto para entrar em outro, que talvez sequer seja relevante. Tentarei ser breve, e direi apenas o seguinte: é muito provável que nenhum destes autores, mesmo os mais antigos, tenha sequer se aproximado de um de nós. Somos corporalmente frios como répteis, concordo, pois temos a habilidade de controlar ao extremo o fluxo de sangue em nossos corpos - o que significa que nossos corações não batem, a não ser quando NÓS assim desejamos. Temos um temor extremo da luz do sol, decerto, porque por um motivo qualquer a sua luz nos destrói. Talvez isso se deva a algum tipo de radiação emanada pelos raios solares que nos venha a ser extremamente maléfica... Não sei explicar o que acontece. O fato é que vampiros são frios, têm uma temperatura corporal normalmente fria, e não podem ser alvejados pela luz solar durante longos períodos de tempo, e mais nada.

Cruzes, água benta e quaisquer outros artifícios religiosos não passam de balela, conversa de pregador que procura convencer os fiéis a deixarem um tostão a mais na caixinha da igreja em época de desespero.

Estacas? Fogo? Balas de prata? Alho? Espinhos de rosas silvestres? Água corrente? A benção de Sua Santidade, o Sumo-Pontífice? Não me faça rir.

Conheço um colega oriental que caminhava em brasas quando era vivo, e que agora, sendo um vampiro, consegue até mesmo dormir sobre elas, tamanho o seu controle mental e corporal. Se não me engano, ele vinha tentando realizar incursões diurnas prolongadas, debaixo de véus e turbantes, desafiando o calor do sol. Não sei se conseguiu, pois nunca mais o vi, mas ouvi rumores de que ele ainda está vivo, provavelmente ainda tentando realizar tal feito. Vampiros não costumam sofrer com a saudade dos amigos distantes, se é que me faço entender... Além do que somos extremamente pacientes e determinados, em virtude de nossos tantos e quantos anos de vida, o que nos credencia a realizar experiências e estudos mais prolongados, muitas vezes debaixo de condições extremas, e colocando a nós mesmos como cobaias.

Um de meus amigos mais próximos chega a ingerir alho de vez em quando. Por ser muito antigo, ele diz que se trata de uma tática que foi extremamente funcional durante os séculos que se passaram, idade média, idade contemporânea, quando todo mundo acreditava em fábulas empíricas como o sol que gira em torno da terra e o alho que funciona como um ótimo repelente para vampiros. Preso várias vezes como suspeito de vampirismo ou de bruxaria, o bafo de alho que tinha servia como um dos tantos álibis pouco convencionais a que costumava se apegar. E pelo visto, tais ardis funcionaram, pois ele ainda nos acompanha em nossa jornada de sangue e morte...

"Jornada de sangue e morte", tão romântica que ficou esta expressão. Talvez eu esteja mesmo habilitado a ser um romancista famoso, mesmo tendo de permanecer anônimo. Se eu ficar vivo por mais algumas décadas, será que poderei ver estas minhas linhas se transformando em um best-seller, virando filme, seriado de TV?

Falando sério, estacas encravadas no coração e uma rajada de balas de prata no meio dos olhos matam QUALQUER UM! Faça o teste com seu irmão menor... e caso não queira matá-lo de verdade, use um espinho de rosa. Posso garantir que uma perfuração na artéria certa pode fazer uma pessoa vaziar muitos litros de sangue. Convenhamos, você está falando com um especialista no assunto.

Falando ainda mais sério, estacas no coração servem para nos paralisar, e não para nos matar, se bem que passar alguns anos empalado por uma estaca pode transformar qualquer um em história.

Temos uma impressionante capacidade regenerativa, e mesmo depois de mortos, esfacelados, desmembrados, conseguimos restaurar nossos corpos de um modo muito rápido. Não me pergunte como funciona, porque eu não saberia responder. Porém, pense duas vezes antes de apontar uma metralhadora para um vampiro - por mais retalhado que ele venha a ficar, é bem provável que no dia seguinte você venha a receber a mais indesejada e inesperada das visitas.

É um assunto extenso, sem fim, a vulnerabilidade, ou a invulnerabilidade vampírica. Somos uma espécie difícil de ser estudada, e há muito poucos por aí que conhecem nossas verdadeiras origens. Gente com milênios de existência. A fonte da juventude em formato humano.

São assuntos sem fim, e uns puxam os outros, na velocidade do pensamento, que os toques acompanham fazendo as teclas ferverem. Em segundos, um raciocínio complexo consegue se transformar em uma dezena de linhas... Melhor parar, e recomençar abordando um daqueles dois assuntos que propus comentar, afinal, ainda faltam alguns minutos para o amanhecer.

Não posso revelar meu nome. Mas posso dizer que sou uma pessoa de aparência normal, vivo em um apartamento, e durmo em uma cama bastante confortável durante o dia. Não há problemas com condomínio e nem contas atrasadas, apesar de eu jamais as ter pago em dia. Na verdade, nunca paguei conta alguma, em nenhum dos prédios e hotéis em que já pernoitei.

Conhece sugestão e auto-sugestão em se tratando de psicologia? E hipnose, já ouviu falar? Se sim... então você já consegue fazer uma vaga idéia do que eu posso fazer com as mentes das pessoas normais que cruzam meu caminho. Basta que imagine uma hipnose cem vezes mais forte, cem vezes mais rápida do que o normal. E, veja só, eu não preciso de nenhum relógio balançando para lá e para cá. Eu só preciso olhar para a pessoa, para seus olhos, atraindo-os para mim. Pronto! É como se eu estivesse no controle. Nada mais é mistério para mim, em relação àquele indivíduo.

E hoje ainda é mais fácil do que antigamente. As pessoas estão com suas mentes cada vez mais fracas. Não há mais concentração e autocontrole nessa correria urbana diária que o ser humano moderno criou para si mesmo, em busca de dinheiro e felicidade. Os seres humanos normais cada vez mais não passam de vermes sem determinação, preocupados com banalidades como cumprir a agenda diária e garantir o emprego, ou com pegar o próximo trem, ultrapassar o carro que está na frente, não borrar a maquiagem, não deixar que o cabelo fique despenteado do modo ERRADO, tomar os três comprimidos nos três horários EXATOS que foram prescritos pelo endocrinologista... Quanta besteira.

Consigo hipnotizar um salão inteiro de humanos de hoje em dia com um dos olhos fechados e as duas mãos amarradas atrás das costas. Chega a dar pena. Humanos fodidos... robôs, escravos de seus relógios, de seus carros, de suas estradas, contas bancárias e empregos.

É por isso que não é bom se meter com crianças. Além de ser proibido pelas nossas tradições, é líquido e certo que elas se encontram muito mais VIVAS do que seus pais. Elas ainda acreditam em bichos peludos com garras e dentes afiados que moram no sótão, ainda sonham e pensam, mesmo estando cercadas por computadores, videogames, revistas em quadrinhos, pornografia e informação sem valor em três ou quatro línguas diferentes. E elas reagem! Suas mentes são maravilhosos poços de força, derradeiros refúgios para a impetuosidade e determinação humana. Dominar uma criança de dez anos com um olhar pode ser muito mais difícil do que manipular mentalmente um banco inteiro de jurados em um tribunal, encontrando-se no banco dos réus.

Ouçã o que lhe digo, você que é vampiro como eu, e é jovem, sem experiência. Não se meta com crianças... Elas saem dos tranSES tão facilmente quanto derrotam o chefão final de um jogo de computador, e não se desiludem com a mesma sujeição dos adultos. Ao contrário das crianças do mundo vampírico, que já foram humanos adultos, iludidas que estão pelos poderes excepcionais que adquiriram, ou simplesmente apavoradas pela nova situação em que foram lançadas, as crianças humanas podem se constituir em oponentes formidáveis. Curiosas, abandonam o medo e a descrença de seus pais e passam a investigar. Coisas acabam vindo à tona por causa dos pequenos pirralhos humanos. Não mexa com eles.

Contudo, caso queira arriscar, use a lábia. Uma boa conversa funciona bem melhor com crianças do que qualquer forma de controle mental.

Ah, e não é recomendável transformar crianças em vampiros, tampouco. Eternas crianças, que nunca crescem nem envelhecem podem se constituir em uma

experiência bastante traumatizante, tanto para si mesmas quanto para o restante da comunidade.

Retornando ao assunto, moro atualmente em um apartamento, e tenho um computador com um teclado resistente. Não conheço suas características técnicas, memória, processamento, etc. e tal, mas sei que é um bom aparelho, eficiente e compacto.

Considero incrível tanto quanto perigosa essa evolução tão constante, ininterrupta, a que a humanidade vem se submetendo nas últimas décadas. A revolução da informática, perigosa faca de dois gumes...

Ao contrário de nós, vampiros, graças a essa intensa transformação tecnológica que gera novos produtos e duplica capacidades de processamento de computadores ao passo que diminui pela metade as suas dimensões, triplicando seus preços, os seres humanos estão tendo de lidar diariamente com uma carga cada vez maior de informações. O mundo capitalista inteiro se transformou em uma espécie de gigantesco banco de memória. As pessoas funcionam como armazéns de dados e procedimentos, ou como chaves elétricas de liga-e-desliga para tais procedimentos, e a ânsia de obter rapidez cada vez maior no lidar com tanta informação as está fazendo viverem apenas esta troca de informação, que não é - em hipótese alguma - a vida real.

Não sei por que, mas me falta vocabulário e idéias mais concisas para poder explicar a que me refiro no parágrafo anterior. Em suma, os humanos, que já eram escravos de seus trabalhos, agora passaram a ser escravos RÁPIDOS de seus trabalhos. Tenho certeza de que estou generalizando ao classificar toda uma geração nestes moldes, mas, em meu ponto de vista, é o que parece estar acontecendo. As máquinas, os bits e o modo de agir estão ganhando importância maior do que a própria vida.

Como eu disse, ao contrário de nós, vampiros, que vivemos nossa eternidade com a calma e a paciência dos predadores, a humanidade, ou boa parte da humanidade, transformou-se em um rebanho de ovelhas apressadas que contentam-se em pastar em uma aparentemente inesgotável campina de processos digitais, horários e bom atendimento a clientes, sendo rápidas ao seguirem o caminho de evolução mais próximo, mas que não teriam a menor idéia do que fazer caso algo desse REALMENTE errado, cercados que estão pelas barreiras que seu modo de vida de alta-tecnologia e inovação produziu ao longo dos anos.

Aposto que uma catástrofe bem grande, ou não tão grande, mas imprevista, colocaria a humanidade inteira de joelhos.

O dia se aproxima, e eu estou ficando filosófico e piedoso demais. Se a humanidade inteira for escravizada pela tecnologia, pelo horários e pela internet, para mim tanto faz. Contanto que o sangue ainda mantenha sua qualidade...

Hora de ir dormir. Amanhã, continuaremos nossa conversa - pouco elucidativa, em meu modo de vista, pois não consigo avaliar o problema que realmente me aflige, porém divertida e relaxante.

Espero que vampiros não sofram de tendinite, um dos males de nosso tempo. Pobre humanos imbecis...

\* \* \*

Não posso mais esperar.  
Estou "lento" de novo.

E estou nervoso.

Aconteceu outra vez.

A falta de habilidades, a falta de controle de minhas capacidades de vampiro.

**NÃO CONSIGO MAIS FAZER AS COISAS QUE OS VAMPIROS FAZEM!**

E o sangue, pulsando de lá para cá em meu peito.

Vamos por partes.

Tenho que lembrar, preciso lembrar...

Acho que foi uns dez ou onze dias atrás. Eu lembro de ter visto o sangue espalhado pelo chão. Um filete de sangue, vivo, quente, pulsante como se estivesse atravessando um coração.

Mas estava no chão. No meio do pó e do lixo, em um dos muitos becos que há pela cidade.

Uma trilha de sangue efervescente, atraente como a perspectiva de uma possível felicidade eterna, singrando a superfície escura e imunda de paralelepípedos encaixados uns ao lado dos outros.

Sangue vivo, irresistível. Brilhando como um farol vermelho no meio da imundície do beco.

Lembro de ter corrido de encontro a ele, a... aquilo... E lembro de tê-lo provado. Lembro até mesmo de ter lambido aquela substância adocicada, deliciosa, alucinante, direto do chão, deitando-me de bruços ao solo, como um reles animal.

E, a partir daí, não lembro de mais nada.

Acho que foi a partir daquela noite que as coisas começaram a fugir de meu controle.

Ontem, bem me recordo, saciei meu corpo com sangue. Uns dez litros, arriscando um palpite, retirados de muitas pessoas diferentes, para não dar na vista. Em um ritmo de vida vagaroso, propositadamente entediante até, como o que me propus a levar, dez litros de sangue servem para que eu me mantenha por até quinze dias, ou mais. Vinte dias até, caso o repasto no último dia do prazo venha a ser farto e garantido, sem que seja necessário fazer muito esforço.

Sangue suficiente para passar quinze dias.

E, no entanto, hoje, na noite seguinte, cá estou eu, com o estômago quase que **COMPLETAMENTE VAZIO!**

Sim. É isso mesmo, caro amigo vampiro que possa estar lendo estas linhas, capaz de compreender como geralmente se passa a vida após a morte.

Estou limpo. Seco. Vazio.

Não deve ter restado nem meio litro de sangue em meu corpo.

E ele fica pulsando sozinho, perambulando de lá para cá, uma criatura dona de um tétrico livre-arbítrio, longe de minha vontade, dentro e fora de minhas veias e artérias.

Sinto como se estivesse enlouquecendo. Perdendo o controle.

Esta maldita coisa dentro de mim. Ela retira meus poderes e drena minha sanidade.

Tentei sair, hoje, no início da noite, camuflado de sombras e falsas memórias, como sempre faço. Sempre consegui iludir os homens, fazendo-os acreditar que lá não há ninguém quando lá estou eu. Não tenho dinheiro para pagar diárias de hotel e aluguéis de apartamentos pelo simples fato de que posso não existir, ou deixar de existir na mente de uma legião inteira de seres humanos de sangue quente. Não chega a ser invisibilidade, que alguns amigos meus até conseguem tornar real.

Trata-se de sugestão coletiva, indução ao esquecimento e ao não-reconhecimento de conceitos e fisionomias, arte na qual já FUI mestre...

Fui. Porque, hoje, isso deixou de funcionar.

Viram-me, em minha saída do prédio.

E também em meu regresso.

O maldito porteiro viu meu rosto e exigiu documentos para registrar minha primeira diária neste ridículo hotel de terceira-classe.

Sou raposa velha. Tenho minhas armações mundanas, pois a prevenção é o melhor remédio. Mostrei-lhe documentos forjados, que não costumam despertar maiores suspeitas nas raras vezes em que sou obrigado a lançar mão de tal expediente.

Os documentos, como sempre, funcionaram, mas não acredito que as desculpas que inventei a respeito de minha saída anterior do prédio, "... entrei apenas para verificar as instalações... para ver se este é um bom lugar para eu passar a noite e o dia seguintes...", tenham sido plenamente convincentes.

Tenho medo até mesmo de ficar neste quarto durante o dia que virá. Não posso garantir que a camareira não venha a invadir o lugar e abrir as janelas e cortinas, esparramando sol para todos os lugares, incendiando meu corpo e lançando-me no inferno. Não posso garantir que a camareira ou algum outro serviçal não venha a lembrar que este quarto existe, e torne a incluí-lo em seu itinerário de serviço.

Não posso nem mesmo garantir que o mês inteiro em que este quarto passou despercebido não venha a encher a cabeça de algum dos administradores do hotel de suspeitas de que algo muito errado possa ter acontecido durante este tempo.

Ora, um quarto que permanece desocupado durante um mês inteiro em um hotel de rotatividade razoável, sem maiores esclarecimentos... preciso dizer algo mais? Alguém sabe o que está acontecendo?

Não posso dar margem para as suspeitas das pessoas de sangue quente. A curiosidade diurna de minhas presas pode me trazer muita encrenca. Encrenca da grossa.

Estou me mudando ainda hoje.

Os planos são simples. Faça planos simples e funcionais quando a situação estiver muito complicada. Deixe a sofisticação e a elaboração para quando você venha a estar no controle dos acontecimentos, é o que dizem os mais sábios.

Os planos são simples. Conheço um local deserto, algumas dúzias de quarteirões distante daqui. É um prédio semi-demolido, arquitetura barata de três ou quatro décadas atrás, sito em um terreno que está à venda há anos, e que há anos não encontra um comprador.

Os frequentadores das vizinhanças do local constituem um grupo social dos mais adequados que se possa imaginar. Drogados e prostitutas, mendigos e policiais coniventes, conscientes que estão de que nem mesmo Deus poderia consertar tamanha miséria munido de um uniforme, um cassetete e uma pistola calibre 32.

Existe um porão na base daquele velho prédio arruinado. Já estive lá, em uma de minhas andanças pela cidade. Não faz parte de meu território atual, bem o sei, mas, creio que não terei problemas em obter alguns favores temporários, garantias e compensações da ralé de novatos que por lá vive, em troca de um arrendamento e alguns dias de estadia.

É para lá que eu vou. Não posso mais ficar aqui. É perigoso demais.

Estou suspendendo temporariamente estes meus registros, até que eu possa encontrar algum novo local para escrever. Tenho ciência, contudo, que esta

estranha doença que se apossou de meu corpo e de meu sangue merece toda a minha consideração e respeito. Este tipo de malefício que anula minhas habilidades mais exclusivas pode vir a ser de algum modo contagioso, de forma que me sinto obrigado a pesquisá-lo e compreendê-lo, e ir em busca de sua cura.

Tornarei a escrever logo que se torne possível.  
Até breve.

\* \* \*

Boa noite, querido diário.

O destino tem seus próprios caminhos, e cá estou eu com um computador novo, onde posso continuar minha narrativa.

Os subúrbios não são tão ruins, nem nunca foram. Existe uma união bem grande entre todos os vampiros daqui, e uma dedicação, um apoio irrestrito e incondicional de todos à minha pessoa.

É o que faz o temor.

Não tenho a menor dúvida de que teria sido morto no mesmo instante em que primeiro pisei estas paragens, não fosse o medo que meus atuais aliados sentem em relação a mim. Um breve conhecimento de geografia e da divisão política de castas, típica de nosso sistema vampírico, quase uma monarquia parlamentarista, levemente anárquico, seguindo os passos de uma máfia bem organizada... um breve conhecimento da realidade vampírica desta grande cidade trouxe-me ao seio onde prosperam os piores dentre todos os vermes de minha raça.

Integrados aos mendigos, diria até mesclados a estes, o povo do subúrbio industrial vive das migalhas de uma sociedade tão ou mais sedentária e desajustada do que a dos próprios humanos, com uma única e brutal diferença: no mundo dos predadores, a sociedade tende a ser ainda mais injusta e cruel para com os menos capacitados.

Muitos dos que aqui vivem se alimentam do sangue de cães vadios e ratos nos esgotos. Outros são como os piores traficantes de drogas de sangue quente, não raro disputando com estes os mesmos espaços, onde comercializam seus próprios corpos, seu próprio sangue, fornecendo para seus carniciais humanos, escravos de um interminável círculo vicioso, vida eterna em troca de dinheiro, armas e algum poder. Existem aqueles que nem podem sair dos esgotos, tão deformados que são - seres que parecem sobreviver à base de doenças e de toxinas. Criaturas vis, abutres que sequer merecem ser chamados de vampiros.

Viver de doenças... Isso faz com que eu me recorde de minha própria situação.

Tenho cá a minha fama. O pessoal das vizinhanças me conhece e respeita, pois sabem do que posso ser capaz.

A força de dez homens... a velocidade além do olho humano... o radar do morcego... o olhar que destrói a mente... o apodrecimento do sangue.

Há um mês, tais truques seriam proezas fáceis de serem executadas.

Hoje, já não tenho tanta certeza quanto a isso.

Estou escrevendo devagar. Sei que posso fazer isso muito mais rapidamente, mas, não acredito que revelar a extensão de meus poderes, em um lugar como este, seja uma alternativa sábia. Há olhos perscrutando as frestas nas paredes, olhos de criaturas que adorariam compartilhar um pouco de meus poderes, nem que para isso tivessem que me destruir.

Estou escrevendo em outra língua. Um dialeto de um dos mais antigos idiomas dentre os dez que domino fluentemente. Quem quer que já tenha tentado rastrear a mente de alguém que consegue pensar em outra língua sabe que vai entender pouco mais do que se estivesse tentando entabular um diálogo com tal indivíduo. As verbalizações são diferentes, e muitas vezes o modo de pensar deixa de seguir um padrão ao qual possamos atribuir alguma lógica.

Isso evita que eu tenha que me preocupar com os dois ratos de esgoto que estão há horas tentando invadir e examinar meu cérebro de fora para dentro, ocultos de alguma forma na escuridão.

Tenho certeza, a julgar pelos seus próprios pensamentos primitivos, e pelas tantas vulnerabilidades e falhas no uso de seus poderes telepáticos, que eles não devem estar entendendo coisa alguma do que estou pensando, e consequentemente digitando.

Por sorte, a incompreensão dos ignorantes é a chave para a grande maioria de seus temores. Não necessito de poder vampírico algum para escrever em outra língua, e deixar meus perseguidores atentos e alertas.

Meus outros textos encontram-se devidamente criptografados, de um modo que os torna incompreensíveis, até mesmo para mim, graças a um dos tantos softwares que se pode achar na internet, caso se tenha o conhecimento necessário, tempo para pesquisar, e as senhas corretas.

Parece-me óbvio que informações a respeito de minhas origens e reais capacidades acabarão sendo desenterradas pelos pobres tolos que me espionam, isso depois de um certo tempo, o que talvez demande uma nova linha de ação defensiva de minha parte. Parece-me ainda mais óbvio que a boataria e a falta de confirmação a respeito de tais informações vão servir para multiplicar por dez o tempo que será necessário para depurá-las, tornando-as em algo realmente útil e confiável.

O medo de meus vizinhos serviu até mesmo para me garantir este computador compacto onde agora escrevo. É um recôndito isolado, subterrâneo e eternamente escuro - um pequeno escritório, de uma empresa metalúrgica falida, caindo aos pedaços - onde posso me esconder e viver calmamente.

Por enquanto, estou seguro. Meus salvo-condutos para uma estadia prolongada neste cubículo onde tive que me meter são minha sagacidade e minha inteligência, e não o meu poder sobrenatural.

Não confio mais de todo em meu poder sobrenatural. Não posso mais confiar.

Há algo em meu peito. Algo dentro de mim. Uma coisa, ou uma substância, que está removendo meus poderes, um pouco de cada vez, ao mesmo tempo em que mina as capacidades nutritivas do sangue de que me alimento, de uma noite para outra.

Estou bem alimentado, agora. Mas, quando acordei, enxergava tudo vermelho, com a sede de dez de meus irmãos contaminando meu corpo, incendiando minha mente.

Lembro quase nada do desfecho dos acontecimentos. Devo ter revelado alguns de meus poderes, como também minha outra face, animalesca e irracional, nos momentos em que percorri o bairro em busca de muito, muito sangue.

Sinto-me cheio, quase como se fosse explodir, o que significa que devo ter matado alguém, talvez duas ou três pessoas. Percebo também que, de ontem para hoje, o temor de meus vizinhos em relação a mim só fez aumentar. Só isso justificaria os dois incansáveis espiões.

Não posso reclamar de um efeito colateral que inspire doses ainda maiores de pavor em meus asseclas temporários e que me permita permanecer aqui por ainda mais tempo, em relativa segurança.

Contudo, tenho medo de mim mesmo...

Há algo dentro de meu corpo que está comprometendo o ritmo de meu metabolismo, fazendo-me ingerir, de uma única vez, sangue em uma quantidade que seria suficiente para me sustentar durante dias. Algo que deve ser analisado.

Sem contar que muitas mortes podem trazer a polícia para cá... ou alguém ainda pior - a "polícia" dos vampiros.

Estou pensando em pedir aos meus "amigos" do subúrbio que extraiam de um hospital ou laboratório qualquer certos acessórios, seringas, microscópio, tubos de ensaio.

Não tenho a menor idéia do que pode estar acontecendo com meu sangue. Examiná-lo talvez seja o primeiro passo para colocar um fim em minhas dúvidas. Posso obter algumas amostras, se me concentrar bastante - a retirada de sangue de dentro do corpo de um vampiro pode ser muito, mas muito desagradável mesmo. E trata-se de uma operação de difícil execução, pois o hábito de um vampiro é tomar o sangue, e não cedê-lo - isto não está de acordo com nosso modo de ser.

Enfim, há algumas informações que já possuo e que posso ter como certas.

Em primeiro lugar, tudo começou naquela noite, há exatas treze noites, quando eu vi a trilha de sangue, espalhada como um fio de lava fervilhante no chão do beco. Sangue vivo, limpo, vermelho-claro, quase como se dele se originasse luz. Sangue limpo, no meio da imundície de um beco em nada melhor do que esta velha toca de rato em que estou vivendo.

Sangue que eu bebi, ludibriado, embevecido por uma necessidade sobre a qual imaginava até então ter pleno controle.

Ali está a origem do malefício que há três dias vem consumindo meu sangue, não tenho nenhuma dúvida a este respeito - farei uma visita ao tal beco, assim que eu consiga reter um mínimo de autocontrole - e de sangue - em meu corpo...

Três dias em que o sangue de cada noite de véspera simplesmente desapareceu, evaporou-se no ar. Lembro-me de como estive e de quanto sangue bebi na noite de ontem, menos do que hoje, mas uma quantidade razoável, mesmo assim. Lembro-me também da sede com que acordei. A sede que só os vampiros conseguem sentir, apenas quando estão precisando de muito sangue.

A sede bestial, que revela a fera descontrolada que se esconde dentro de cada um de nós.

O vazio pulsante em meu peito. Como uma bolha minúscula de sangue, vagando de um lado para outro, de lá para cá, dentro de meu corpo. Sangue amotinado, munido de vontade própria...

Isso tudo, a trilha de sangue no beco, o sangue que some do corpo no decorrer do dia e o vazio, a bolha viva, independente, de sangue em meu peito, aliado à perda de controle e de confiança em meus poderes hereditários de vampiro, tudo isso me leva a crer que estou diante de um problema sério, algum tipo de deficiência imunológica ou genética, que pode comprometer não apenas a minha sobrevivência como a de toda a minha espécie.

Tornarei a escrever, assim que puder relatar mais informações a respeito deste mal.

... e assim que consiga ludibriar estas duas pestes que julgam-se no direito de ficar observando minha mente por cima de meu ombro.

\* \* \*

Finalmente consegui reunir forças para voltar a escrever. Passaram-se dois dias, desde quando escrevi neste meu diário pela última vez.

Sinto que estou perdendo o controle. A concentração é falha, a mentalização imprecisa.

Perco, a cada dia que passa, o domínio sobre meu próprio corpo, e ante tal perspectiva, desfaz-se gradualmente também o meu espírito.

Anteontem, defequei. Depois de dezenas de anos, voltei a defecar. E não se tratava de fezes, mas sim de sangue e diminutos pedaços de vísceras. Pude sentir o sangue, vivo, dentro de meu ser, locomovendo-se, dotado de vida própria.

Rebelde, impetuoso sangue. Incita-me ao delírio a simples menção de relembrar tal acontecimento.

Eis que o sangue tomava conta de meu corpo, espalhando-se por todos os espaços, inflamando veias e artérias, fustigando as paredes de meu coração morto-vivo, rompendo o laço da carne, trespassando como navalha líquida as paredes de cálcio dos ossos.

O sangue vivo, como uma colônia, um enxame de hemácias, leucócitos e plasma a procurar uma saída, querendo abandonar o interior do corpo.

Percebi o exato momento em que este fenômeno acontecia.

Era dia. Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Simplesmente SEI que era dia, apesar da total escuridão em que jaz meu pequeno dormitório.

Senti como o sangue abandonava meu corpo, escorrendo aos borbotões por todos os orifícios possíveis. Ouvidos, nariz, boca, ânus, uretra... ao redor dos olhos, os poros da pele, e mesmo por entre unhas e dedos. O sangue escorria sem parar. Uma massa de matéria líquida, consciente, quente, evacuando em disparada desta fria casca em decomposição que é o meu corpo.

O sangue vazava e fluía, preenchendo meu estômago e minha garganta. O interior de minha boca já estava submerso com o sangue vivo, tomando-a com seu peculiar e amargo sabor, bem diferente do adocicado que por tantas vezes sorvi, extraído das incisões nas tantas carótidas de humanos vivos, sustentáculos de minha eterna andança.

Minha boca explodiu em vômito, bem me lembro. Incapaz de suportar a pressão do sangue vivo e amargo, que já escorria pelo nariz e pelos olhos. Estaria sem minhas vistas, agora, caso não tivesse deixado a torrente escarlate seguir seu curso. Talvez minha cabeça inteira tivesse voado pelos ares... Bem sei o que senti. A força incrível do sangue parasita que golpeava e consumia minha carne, e se esvaía inteiro de dentro de meu ser.

Cada litro e cada gota, quase tudo se foi, brilhante como lava fervente de vulcão, disparando pelas orlas da tosca e velha cama metálica de campanha que tenho utilizado para dormir. Indo para o piso de cerâmica empoado e ali escorrendo, como se este estivesse inclinado, dirigindo-se em rápida enxurrada para a saída, passando por debaixo da estreita fresta da porta de aço, e descontente com o bloqueio que ela representava em seu caminho, galgando-a, como também à parede, procurando vias de passagem, infiltrando-se no buraco da fechadura, ultrapassando a janela quebrada que há no topo da porta, desafiando a lei da gravidade.

O que sei é que, em alguns segundos, o rio de sangue desapareceu do campo de visão, sumindo por trás da porta pesada, sem deixar vestígios, sem deixar pistas.

Naquele momento terrível, paralisado como estava, foi que eu percebi a gravidade de minha situação.

Passei o resto do dia desperto. Atormentado por ilusões e devaneios, sonhando acordado. Tentando pensar e compreender com que tipo de peste acabei vindo a me envolver.

Vi coisas paradas e mortas se movimentarem como se estivessem vivas a cada nova tentativa de usar minhas percepções amplificadas. Tentei ver além do que podia ser visto e vi coisas sem sentido, que não deveriam ser vistas.

Tentei sentir e identificar o cheiro do que me cercava e acabei perdendo o olfato, que foi massacrado pelos tantos odores e aromas que deve haver pelo universo inteiro.

Tentei ouvir como ouvem os morcegos, e tantos foram os sons que passaram a golpear meus tímpanos que desejei por um instante ter nascido surdo.

Tentei vasculhar o passado e fui assaltado pelos fantasmas de mil alucinações e de mil mentiras.

Tentei abandonar meu corpo e vagar por aí como espírito apenas para sentir que minha alma encontra-se lacrada por fortes amarras a um corpo que parece não mais me pertencer.

Tentei até mesmo usar o dom da transmutação, tornando-me terra, neblina, fumaça, vapor, qualquer coisa, qualquer material, mineral ou orgânico, que pudesse me oferecer um mínimo de mobilidade, e tudo o que consegui foram sensações deprimentes de impotência, e o gosto de fumo e terra em minha boca.

E senti dor. Tentar usar meus poderes, além de proporcionar resultados imprevisíveis, ainda consegue me causar dor suficiente para estraçalhar meus nervos. É como se milhares de estacas pontiagudas trespassassem minha carne, todas de uma vez, em cada centímetro de meu corpo.

A chibatada de agonia lançava-me em um inferno, onde eu era obrigado a penar e agonizar durante muitos minutos, antes de poder refletir e tentar novo e falho ardil sobrenatural.

Permaneci paralisado durante o dia inteiro, sem conseguir dormir, agonizando como um zumbi que não consegue nem viver nem morrer. Nem mesmo meus impacientes 'acompanhantes', os dois vampiros espiões, tiveram coragem para permanecer observando o triste espetáculo. Isso, ou não mais os posso sentir, vitimado talvez por mais uma brecha aberta em meus poderes.

Sentia apenas a sede aumentando na medida em que a consciência reassumia seu papel sobre a mente, revelando que quase duas dúzias de litros de sangue tinham simplesmente criado pernas, feito as malas, e se mudado de meu corpo para fixarem residência sabe lá Deus onde.

Duas dúzias de litros de sangue...

Permaneci paralisado, até que chegou a noite, e o pouco de sangue que restou, capitaneando as engrenagens e dispositivos de meus nervos e músculos, permitiu então que eu me movesse, e me dirigisse para mais uma chacina, em busca do sangue perdido.

Estou em um beco sem saída. Matei de novo, e tenho consciência de que não foram poucos. A lei dos vampiros, senão a lei humana, logo irá se manifestar, procurando conter a ameaça que passei a representar à estabilidade de nossa raça na Terra.

Resta-me dedicar os poucos dias que ainda posso vir a ter de vida à pesquisa. Tentar manter-me escondido e recluso, escrevendo quando possível os detalhes de minhas descobertas.

Matei ontem, e matei hoje. Por sorte, neste último dia eu não permaneci acordado, vendo o mar de sangue fugindo porta a fora.

Consigo regenerar as partes de meu corpo que o sangue destrói em sua fuga, ou durante minhas tresloucadas e sonâmbulas incursões pela cidade em busca de repasto, mas posso sentir as marcas. Ossos fragmentados, desvios na coluna, cicatrizes de milhares de açoites dentro e fora do corpo. Nariz quebrado. Maxilar deslocado.

E dor. Muita dor.

Dor de cabeça. Dor de barriga. Dor no pênis e dor no reto. Dor nos dedos, nas mãos, nos braços. Dor em todos os lugares.

Dor até mesmo em minha alma...

Não existem dados sobre este tipo de doença. Na verdade não existem dados sobre doença alguma que possa causar tal sorte de dano à fisiologia de um vampiro, ou se existem, estão de tal forma bem guardados que talvez até mesmo a ciência de suas existências veio a se perder.

Gostaria de extrair uma parcela de meu sangue para poder examiná-lo e tentar descobrir o que me infectou, mas os poucos amigos humanos que amavam meu sangue e dele se nutriam em troca de meus outrora influentes favores já não mais respondem aos meus chamados. Seu auxílio seria necessário para permitir que buscas por certos materiais pudessem ser feitas pelo mundo dos humanos de sangue quente.

A ciência da era contemporânea não pode ir além das mais empíricas e pálidas especulações caso não venha a contar com uma série de aparelhos modernos e sofisticados. E eu tenho medo de pedir aos meus atuais vizinhos que me obtenham um mísero microscópio retirado de um laboratório químico infantil, que seja, muito provavelmente pelo mesmo motivo que, pressinto, eles têm medo de mim.

Pensei em cortar meus pulsos com um fragmento de vidro, mas percebi que não conseguiria fazer isso. E não foi apenas o medo. Algo me diz que o sangue que está dentro de mim tem hora e local marcados para sair, e não será uma mera incisão que irá modificar o rumo de seus planos.

Saí às ruas, após ter me fartado de sangue, ontem à noite. Despertei do transe psicopata coberto por retalhos de roupas, membros e outros pedaços de cadáveres frescos. Sangue cobrindo toda a minha pele.

Percebi como a ralé do subúrbio, bando de vampiros desajustados, olhava de soslaio para minha 'imponente' figura, enquanto me dirigia de volta para a velha fábrica abandonada. Eu, que usurpei posição de destaque em meio a criaturas tão pérfidas, transformando a mim mesmo em seu imperador e tirano... a mais hedionda de todas as criaturas de Deus ou do diabo.

Tudo por causa dessa maldita doença.

Estive no mesmo beco em que meu dilema se originou.

Vasculhei cá e lá, mas não encontrei nenhuma pista, nenhum indício que pudesse lançar alguma luz a este mistério sombrio que me atormenta.

Vi apenas poeira e lixo sendo atirados longe pelo vento fétido soprado pela miséria a que, volta e meia, a humanidade de sangue quente relega a si mesma.

Tenho planos para entrar em um grande duto de esgoto que vi próximo ao tal lugar. Teria entrado na mesma noite, caso o dia não estivesse tão próximo.

Não sei... Parece-me um ponto bastante suspeito. Um excelente esconderijo para uma pessoa, ou para qualquer outra "coisa" da qual a moléstia possa ter se originado.

De qualquer forma, a entrada de esgoto é o próximo alvo de minha investigação - caso eu ainda esteja vivo e consciente na noite que há de vir.

O dia se aproxima, e dormir cedo é a melhor saída. Dormir cedo e rápido, para não ter que passar pelo que passei dois dias atrás.

Adeus, ou até breve, meu diário.

Eu só espero que o que aqui escrevo seja útil a qualquer um que possa vir a passar o que estou passando.

\* \* \*

Estive lá novamente, no local onde acredito que tudo se originou.

Sinto dores tremendas. É quase impossível suportar. As entranhas ardem como se fossem banhadas por fogo, e não uma por ínfima quantidade de sangue.

Preciso me concentrar e narrar o que sei.

Ignorar a dor e tentar compreender o que está acontecendo comigo.

Se você teve a oportunidade de ler os parágrafos anteriores, já deve estar bem a par do que está acontecendo. Infelizmente não os tenho cá comigo - estão armazenados no outro computador, em meu antigo refúgio - mas pretendo reuni-los na primeira chance.

Desnecessário dizer que eu me tornei um assassino ao natural, e que minha atual existência e comportamento ofendem a reclusão e o comedimento que são pregados por todos os códigos de conduta vampírica, mesmo os mais liberais e anárquicos.

Desnecessário dizer que matei de novo nas três últimas noites.

Três genocídios em larga escala, todos próximos aos subúrbios. Bares e boates locais foram arrasados, e houve invasões em algumas residências.

As informações estão em todos os jornais da cidade, do estado, do país, e mesmo do exterior. Quase uma centena de mortos, durante três dias de massacre.

Boletins jornalísticos especiais interrompem a programação de TV de todos os canais, revelando um que outro pormenor a mais em relação à tragédia. O caos ronda as autoridades humanas de todas as classes, tanto políticas e de segurança, quanto sociais e religiosas. Ações de controle, compromissos de ação imediata, certezas e verdades absolutas são anunciadas e desmentidas pelos mais diversos chefes de altos escalões das dezenas de instituições, quais quer que sejam, que estejam envolvidas com o assunto.

Policiais inquirem ou agridem os civis; civis reagem com contestações em altos brados e sangue de parentes mortos nas mãos, contra os policiais e políticos; políticos propõem ridículas e hipócritas medidas paliativas, ao passo que reclamam da ineficiência do poder público e da polícia, e condenam os jornalistas; os jornalistas aproveitam o embalo para criticar com ênfase nos fatos tanto a imoralidade política dos representantes de município, estado e nação, quanto a ineficiência da polícia, a descrença da população e o fanatismo do clero; o clero, por sua vez, abraça a população descrente envolvendo-a em um acalento de preces inúteis e feias cantigas de fé populares em honra a deuses salvadores que não existem e que não salvam ninguém, enquanto suas contas bancárias são agraciadas com somas cada vez mais vultuosas oriundas de doações. Não preciso

especular muito para saber que esta é a crua face da verdade, apesar do canal de TV que ora assisto exibir apenas o conteúdo da metade inicial do parágrafo anterior.

Desnecessário dizer que uma catástrofe sempre pode ser um motivo de grande satisfação para os banqueiros que se encontram em outros lados do país, contando o vil metal.

Desnecessário dizer...

Mudei de local, outra vez. A comoção pública é grande nos arredores daquela favela onde eu havia me instalado. Os humanos querem culpados, e vasculham às cegas, nas sombras, procurando evidências, fatos, pistas.

Enquanto isso, a comunidade vampírica, que enxerga nas sombras e lê o que está escrito no passado, começa a dar seus primeiros passos. O culpado já deve ter sido descoberto há muito tempo, e a linha de ação, então, pode ser tanto o expurgo do mal que coloca em risco suas confortáveis posições na sociedade humana de sangue quente quanto a espera e a espreita.

Tenho que escrever rápido, tanto quanto possível, uma vez que não possuo mais qualquer controle sobre minha celeridade sobrenatural.

Escrever e divulgar, de alguma forma, aos meus irmãos.

Escrever e divulgar a respeito da peste.

O sangue se esvai durante o dia claro, e ponto final. Não há mais nada que possa ser mencionado a este respeito, exceto, talvez, o fato de que ele, o sangue fugitivo, não tem o "hábito", digamos assim, de se misturar com qualquer outra substância, quer seja sólida, líquida ou gasosa. Inteligente e ágil como a minúscula ameba que usa de movimentos rápidos e fluidos de sua membrana maleável para se aproximar e envolver o germe do qual irá se alimentar, o sangue segue agrupado, desviando do que quer que possa haver em seu caminho.

Encontro-me em um local subterrâneo, escondido. Uma das tantas galerias que pode haver e há por debaixo de uma metrópole tão grande como esta, compondo um universo escuro soterrado pela história e pelo esgoto. Um lugar bem distante da correria das pessoas de sangue quente.

Aqui, em meio ao lixo e à decadência, pude encontrar um refúgio seguro, pelo menos temporariamente.

Não parece, no entanto, que irei necessitar de um refúgio por muito tempo...

O que presenciei em minha última visita ao beco e ao duto de esgoto onde tudo teve início fez-me perceber que talvez minha existência possa ser encerrada em breve.

Vi coisas que não são naturais, de forma alguma. Coisas que talvez ultrapassem até mesmo os limites do sobrenatural.

Coisas que me foram explicadas com um rigor científico. De uma forma impiedosa e convincente.

E vi uma pessoa.

Uma mulher.

Humana. Sangue quente, tanto quanto dois e dois são quatro.

Mas, devo ser organizado, e voltar ao assunto sobre o qual comentava: o sangue semovente. Mais tarde, pretendo comentar sobre a estranha mulher humana, que, apesar de estar morta, ainda respira, e é componente importante, senão essencial, para as tantas e tão diabólicas maquinações que decerto resultaram nesta pestilência execrável que vem destruindo meu corpo e roubando meu sangue. E pretendo forçar a memória ao máximo para transcrever todas as terríveis palavras que a sinistra figura pronunciou.

Como eu mencionei, o sangue semovente parece não encontrar maiores dificuldades para abrir caminho em meio às mais diversas substâncias e superfícies.

Ontem, durante o dia escuro dos esgotos, consegui segui-lo, com supremo esforço, após ter lutado para me manter desperto, e contra a agonia indizível que é ter seu sangue extirpado de dentro de suas próprias entranhas.

Chego a sentir um pouco de pena das pobres vítimas que já suguei até a morte, mesmo admitindo que nutrir pesar para com o alimento não nos serve para aplacar a fome, e não vem ao caso.

Passos lentos e claudicantes de aleijado, acompanhei o grande e comprido glóbulo vivo de sangue em boa parte de seu trajeto, galeria abaixo. O sangue parece procurar um caminho rumo às profundezas, buscando seguir os desígnios da gravidade, nem que para isso seja preciso por vezes desafiá-la.

Vi a massa de material vermelho-claro, notadamente mais claro e de consistência mais fina do que o sangue humano normal, subdividindo-se em grupamentos menores para transpor obstáculos, afunilando-se para atravessar dutos, subindo por paredes e galgando tetos, e mesmo escorrendo para o alto, pura e simplesmente lançando-se para cima e escalando o próprio ar em distorcida e paradoxal correria.

Vi o sangue que não goteja lançar-se em meio à sujeira dos esgotos. Uma mancha clara e brilhante atravessando a poluição, sem com ela misturar-se em momento algum, em um nado belo, ora espiralado, ora ondulando como uma grande enguia.

Não pude acompanhar o sangue que saiu de meu corpo além do trajeto imundo das grandes e profundas galerias de esgoto, onde ele se infiltrou. Também não faço idéia de qual seja o seu destino final. Aliás, tenho a vaga impressão de que a bolha de sangue semovente poderia estar simplesmente fugindo de mim, desviando de minhas tentativas de acompanhá-la através de caminhos de difícil acesso, até ter decidido se jogar no esgoto, suplantando a correnteza e dirigindo-se contra esta, corredeira acima.

Não posso afirmar com certeza, mas parecia se tratar de uma rota de fuga, acidental, e também acidentada.

Isto foi o que vi, acredite você ou não.

Vi a vida se esvaindo de meu corpo, de livre e espontânea vontade.

Vi minha vida fugindo de mim. Por mais inacreditável que possa parecer.

E não foi só.

Durante aquela mesma noite, lancei mão de meu autocontrole e agarrei-me à consciência com unhas e dentes, como pude.

Foi a última noite em que me alimentei seguindo minha própria vontade. Matei, bem o sei. Entretanto, era a minha mente que estava no comando das ações.

E matar pessoas não é uma atitude das que eu possa considerar comovente.

Muito mais comovente é ter o domínio sobre nossa consciência. Andar com passo marcado. Calcular com frieza o melhor momento para agir. Poder seguir outra vez os instintos e habilidades de caçador, legado maior que o enlace vampírico nos proporciona.

Ficaria extremamente comovido caso pudesse contar outra vez com o controle sobre minha existência.

Mas, isso não vem ao caso. O tempo para o dia chegar se aproxima, a cada movimento dos ponteiros e engrenagens do relógio.

Tenho que relatar. Tenho que divulgar o que sei, e o que vi, e dar minha contribuição para impedir que esta praga se espalhe.

Como mencionei antes, vi uma mulher, no final da noite.

Uma mulher.

Humana. Sangue quente, tanto quanto dois e dois são quatro, usando dos recursos exclusivos da informática, que permitem que possamos duplicar e reescrever parágrafos inteiros mediante toques nas teclas certas.

Como eu gostaria de poder usar meus próprios recursos vampíricos para escrever na velocidade quase automática do pensamento... Tenho absoluta certeza que o número das páginas que já foram escritas seria muito maior, assim como a minúcia das informações que ali estariam disponibilizadas.

Enfim...

Era uma mulher de aparência comum. Nem bela, nem feia. Um pouco acima do peso, talvez. Cabelo crespo e revoltado, castanho-escuro. Uma mulher bastante comum, posicionada tal e qual peça chave em uma situação incomum, ou na mais incomum das situações, diria até.

Lembro que, no final daquela noite, anteontem, provavelmente, penetrei na grande passagem de esgoto semelhante a túnel, próxima do beco onde tudo começou, e segui caminhando por suas fétidas entranhas, tentando achar qualquer indício que pudesse me ajudar na solução deste mistério em forma de doença.

Passados uns quinze ou vinte minutos de caminhada e busca infrutífera, percebi alguns movimentos justamente no caminho por onde havia vindo. Passos, e uma voz que sussurrava palavras que eu não podia ouvir.

Os esgotos de uma cidade geralmente apresentam dimensões proporcionais a esta, e como esta é uma enorme cidade, uma verdadeira megalópole, pode ser dito que os canais e galerias que pontilham sua base são realmente monstruosos e gigantescos. Há túneis que poderiam acomodar frotas inteiras de veículos de grande porte, como caminhões e ônibus, e escadas verticais de centenas de metros levando para as mais imperscrutáveis profundezas. Vigas de concreto, espessas como sequóias, às vezes ocas, às vezes cheias, quadradas ou redondas, sobem para o alto, ou descem para baixo, perdendo-se no vácuo, cercadas por verdadeira floresta de canos, tubos e dutos, termostatos, motores e medidores de pressão. Toneladas de lodo tóxico jazem estáticas em extensos pântanos artificiais imersos na escuridão, ao passo que enormes cachoeiras de detritos descem de alturas de muitos andares, em meio a canos e paredes, despejando a interminável imundície de milhões de pessoas toda de uma vez em um verdadeiro oceano de veneno, que, apesar de representar valores completamente opostos e artificiais, ligados à morte, em muito se assemelha ao mundo natural de rios e matas intocados, em que prospera a vida.

Cito isto, este breve relatório da fisionomia subterrânea da cidade, para que o leitor possa situar-se, e compreender que, em meio a estes esgotos em que ora vivo, apesar de muito se ter percorrido, tem-se cada vez mais consciência de que pouco ou nada se viu do total de sua extensão.

Ouvi os tais passos atrás de mim, e a voz que murmurava, e imediatamente coloquei-me em estado de alerta. Um instinto fez-me querer direcionar as percepções, ou ouvir à distância, e em curva, aproveitando apenas as ondas sonoras certas, que fazem parte dos ruídos que realmente desejamos ouvir, capturando o ecoar e utilizando-se adequadamente da ressonância... coisa que apenas vampiros experimentaram, e que apenas nós podemos compreender. De qualquer modo, a falta de cautela em utilizar de meus poderes rendeu-me uma série

de severas agulhoadas, como se dezenas e mesmo centenas de ferrões de vespas tivessem espetado meu cérebro, todos de uma só vez.

Verguei sobre minhas pernas, e fui ao solo sujo de terra rançosa e contaminação. A dor era simplesmente insuportável, e passaram-se uns bons dez minutos antes que eu conseguisse retomar o controle.

Desde então, não represento mais do que a patética figura humana convencional. Não sou mais do que um reles sanguessuga sem poderes, pois não ousa mais sequer tentar utilizá-los, tamanho o pavor que me consome. Sinto a pequena bolha de sangue vivo vagando calmamente em meu peito, ora visitando meu abdome, ora percorrendo meus membros, vasculhando tudo, tecidos e órgãos, inspecionando, espreitando.

Senti a bolha gigante de sangue maldito romper sua atitude cautelosa e agir, durante aquela minha última tentativa de usar minhas mais agudas percepções sonoras. O parasita foi rápido, e subiu até meu cérebro, atravessando o pescoço através das veias e artérias, e, não satisfeito, dilacerando a carne, criando suas próprias vias de acesso, de um modo muito semelhante ao procedimento de fuga da gigantesca bolha de sangue vermelho-claro, dias antes.

Sim, o parasita foi muito rápido ao penetrar em meu cérebro, desmanchando conexões neurais e apunhalando minha mente de dentro para fora, lançando-me ao chão e paralisando-me, incapacitando-me de um modo como nunca vi estaca ou arte marcial fazer.

Senti que os tecidos do cérebro e do canal perfurado no pescoço eram regenerados instantaneamente, como é de praxe.

Mas, não ousa mais empregar meus poderes.

Tenho medo. A dor é muito forte, e o parasita continua a patrulhar minhas entranhas, pronto para agir novamente.

Minha coragem de ser vampiro simplesmente se foi.

Estou à mercê deste mal, e não se engane - estamos todos nós, eu e você, afortunado de minha espécie que teve acesso a estas linhas, e que sabiamente soube dar-lhes o devido valor. Estamos mortos há tempos, e a milênios temos representado o vértice mais elevado de todas as cadeias alimentares da Terra. Somos intocáveis, mais ardilosos, poderosos e inteligentes do que todas as outras criaturas que caminham pela superfície do planeta.

Não temos rival, e nisto acreditamos, por milênios a fio.

Vencemos até mesmo a morte. Somos eternos, o páreo mais duro para todos os seres, exceto para nós mesmos e para os rigores do ambiente.

Porém, a situação mudou.

O ciclo natural, que é sempre sugere um formato de círculo, e que pode se fechar em circuito em diversos pontos, estabelecendo leis de dependência entre umas e outras espécies, finalmente acrescentou mais um degrau na escada da evolução.

Choro ao escrever estas linhas, como não choro há décadas. Sinto-me como o impotente arauto que anuncia a desgraça, o final do reinado de prosperidade de um povo, o declínio de uma civilização.

O ser com o qual lidamos, esta nova entidade, não minto quando admito acreditar que tal ser pode colocar de joelhos toda a nossa raça de uma só vez, tamanho o poder de que dispõe. Um poder vasto e especializado, que parece ser todo dedicado à nossa destruição.

Leia, e creia, você que ainda se julga imortal. É pelo bem de nossa raça e pelo seu próprio bem que passo a descrever, usando deste linguajar dialético, meu

encontro com esta abominação oriunda de todos os maiores pesadelos de nossa raça milenar.

Leia, e creia. Como amigo e irmão o alerta... Que o destino não permita que nenhum outro irmão passe pelo que passei, ao que inferno mitológico algum se compara.

Retomo minha narrativa, cada vez mais próximo à escuridão do dia subterrâneo, pronto para permanecer escrevendo o quanto seja possível... ou o quanto venha a me permitir o sangue contaminado pela peste, que se move e conspira, pronto para, a qualquer tempo, subjugar-me.

Levantei-me, depois da terrível onda de sofrimento que a tentativa de uso de meu poder auditivo havia provocado. Procurando esquecer a dor, usei todas as forças que ainda me restavam para ficar de pé, e caminhar, seguindo a voz de mulher, que ainda pronunciava palavras indistintas.

Em uma das esquinas do caminho rente às "ruas alagadas" - chamo-as assim pois, mesmo tratando-se de largos dutos de rejeitos, assemelhavam-se em muito às ruas estreitas da cidade, apresentando calçadas, por onde eu podia caminhar, passarelas que permitiam cruzar o lodo corrente, e esquinas, com direito até mesmo a iluminação - foi que consegui ver seu corpo por inteiro. A mulher estava vestida com um jaleco branco de enfermeira ou médica, e parecia estar conversando a esmo, de si para si, como se ouvir a própria voz lhe proporcionasse algum tipo de prazer.

Já devo ter mencionado, mas não custa repetir que tratava-se de uma mulher nem gorda e nem magra, nem velha e nem nova, e nem bela. Uma mulher comum, com grandes óculos de largos aros escuros, em um formato quase retangular. Se não estou enganado, carregava algo, algum tipo de frasco.

Como ela não se movia, resolvi aproximar-me. Consegui notar à distância que se tratava de uma pessoa de sangue quente, o que serviu igualmente para me despertar o apetite, pois mesmo estando saciado, ante as circunstâncias desfavoráveis encontrava-me pronto para dar cabo de qualquer vítima que se colocasse em meu caminho, e cujo desaparecimento não viesse a deixar suspeitas.

Algo, contudo, refreava meus ímpetos. A estranheza de uma jovem médica a se aventurar pelos esgotos mais profundos da cidade era imensa, e fazia-me desconfiar daquela pessoa, mesmo percebendo o calor e as pulsações em seu sangue.

Não conseguiria de qualquer modo atacá-la, uma vez que, em dado momento, ela virou-se para mim e mirou-me com os olhos mais tenazes que já vi em toda a minha vida. Olhos cheios de força, quentes, escaldantes até.

Olhos gelados, imperscrutáveis, inacessíveis, desprovidos de emoção.

Ainda me causam calafrios aqueles dois olhos onde não se via emoção alguma, nem medo ou temor, nem prazer, nem nada, tão cheios de autocontrole que estavam. Tão cheios de poder que chegavam a irradiar uma espécie de fria incandescência.

Lembro como se fosse agora como aqueles olhos pareceram ter se aproximado de mim, tornando-se gigantesco, penetrando em minha alma e vendo através do que sou e do que fui, em um breve relance que fez um torvelinho de memórias e pensamentos desconexos atravessar minha mente.

Jamais vi olhos tão puros em toda a minha vida, nem mesmo nos piores e mais cruéis dentre os vampiros, que aprenderam a ser justamente os mais dissimulados.

Quando consegui romper o transe, vi que estava novamente sozinho. Percebi que havia estado diante de um predador temível. Algum tipo de espírito, alguma espécie de demônio havia se apossado do corpo daquela mulher simples, e controlava sua vontade, foi o que pensei.

Caminhei adiante, procurando retomar a concentração, disposto a enfrentar tal sorte de entidade, usando dos meios que se fizessem disponíveis. Demônios menores que se apossam de corpos, seguindo o que diziam as mais diversas mitologias, são detentores de interessantes conhecimentos arcanos, que poderiam ser muito úteis para descobrir que mal havia em meu sangue, pensei eu.

Segui com cautela até o ponto onde a mulher estivera, e vi-a entrar por uma porta de madeira e metal. Um olhar rápido de seus faiscantes olhos azuis serviu para congelar meu corpo e espírito por um segundo, após o que ela sumiu atrás da porta.

Estava apavorado, mas precisava de respostas, e segui seus passos, e sua voz, pelos corredores escuros que havia atrás daquela porta. Sem poder usar meus poderes, via a tudo como escuridão pura e simples, de modo que fui obrigado a tatear para encontrar o caminho.

Após ter tropeçado por escadas e corredores claustrofóbicos, acabei cruzando uma passagem e chegando em um local iluminado por velhas lâmpadas incandescentes, que parecia ser uma antiga central de controle dos esgotos, com dispositivos mecânicos e hidráulicos enferrujados, aparentemente abandonados.

Uma porta estava aberta logo adiante. E a mulher encontrava-se parada no meio do caminho.

E ela tornou a olhar para mim, e o efeito foi o mesmo das outras vezes, fazendo-me sentir desarmado e incapaz, mas nada foi tão atemorizante quanto as palavras que ela passou a me falar, as quais tentarei reproduzir de memória e na íntegra sempre que for possível, sem macular ou distorcer seus significados, principalmente em trechos de importância capital.

Fique bem claro que não sou capaz de lembrar tudo o que me foi dito, tamanho o pavor que senti naquele momento. Tenho uma memória excelente, extraordinária até, que me permite selecionar, por assim dizer, os assuntos que faço questão de esquecer ou lembrar, e isso remonta do tempo em que meu sangue era quente, mas também tenho absoluta certeza que qualquer outro irmão, em meu lugar, talvez não tivesse sido forte o suficiente e viesse a sucumbir ao terror perante as verdades que me foram apresentadas.

Em primeiro lugar, ela me cumprimentou de forma polida e comedida, como costumam fazer os maiores vilões, ao apanharem os maiores heróis em suas engenhosas armações.

Apresentou-se, e a seguir apresentou-me, como se me conhecesse de longa data, fornecendo detalhes de minha vida como humano, e como vampiro. Apresentou-se de modo vago, convém ressaltar... "Sou o que sou", ou, "sou exatamente o que você busca, e também sou aquilo de que você foge", foi o que disse, sem citar nomes ou origens.

"Sou o princípio e o fim de tudo o que o está atormentando."

Tais palavras, teatrais, exageradas, mas verdadeiras, ficaram incrustadas em minha lembrança, e dali jamais saíram, e no momento pareceram ser provas cabais de que a tal mulher não apenas conhecia minha doença como também tinha participação em seu desenvolvimento. Sua relação implícita com a peste acabou

sendo comprovada mais tarde, de forma bem mais direta, de modo que não tenho mais dúvidas a respeito deste mal e de suas origens.

Ela passou muitos minutos descrevendo meu passado e meu presente com sua voz calma e agradável, com minúcias tais que fizeram aflorar memórias que eu julgava há muito enterradas e esquecidas. Chagas do passado foram tocadas e novamente inflamadas com pinças de pontas afiadas, e sentimentos particulares foram despertados.

Pensei estar mesmo diante de um demônio transfigurado em corpo humano, capaz de ler mentes e subjugar o espírito dos fracos, entretanto...

"Não sou o que você pensa que sou. Não sou demônio, ou espírito, e não estou possuída, mesmo sendo este corpo não mais do que uma simples casca, uma residência temporária, a qual em breve abandonarei."

Sentindo que eu me encontrava sob seu controle, a criatura com corpo de mulher passou a caminhar ao meu redor, tecendo seus comentários.

"Sou algo bastante comum na natureza. Sou o fungo que desmancha o pão e a semente. Sou o microorganismo que desarma o macroorganismo, invadindo-o e aniquilando suas defesas, sem que ele possa perceber. Sou a vespa da terra que ataca e elimina a poderosa aranha. Sou o peixe luminoso abissal, com sua isca de luz que atrai o pequeno camarão. Sou o vírus de computador, a ferrugem a destruir a imponência do metal, a decadência e a entropia, que a tudo desagregam, e que, em nome da ordem transformam tudo em caos."

E, após ter feito mais algumas comparações um tanto ou quanto poéticas situando de um modo incerto sua natureza em relação à minha, ela começou a falar mais como médica, abandonando a filosofia e explicando a crueza dos fatos.

"Sou a doença que consome seu sangue. Sangue de que me alimento."

"Os vampiros sempre foram os maiores dentre todos os predadores da Terra, e isso é inegável, pois são dotados de habilidades invejáveis no trato com suas presas mais típicas, os seres humanos, que correspondem simplesmente às criaturas mais inteligentes e impressionantes que já existiram neste planeta, páreo apenas para elas mesmas."

"Ledo engano, pois eis que a humanidade sucumbe não apenas nas mãos dos poderosíssimos vampiros. Micróbios, vermes, insetos e aracnídeos, plantas, bactérias, são tantos os exemplos de seres que se aproveitam das infinitas deficiências do corpo humano e ali armam acampamento, convivendo em simbiose ou de forma parasítica."

"O ser humano, como todas as outras espécies de criaturas vivas, é um vasto campo de repasto e pesquisa para o avanço da natureza. Plantas de espécies inteiras adaptaram-se em formato e funcionamento, permitindo aos bípedes pelados cultivarem-nas e consumirem-nas, apenas para terem seu ciclo de vida ajustado à necessidade de coexistir, tornando-se simbiotas de seus próprios carrascos. Para plantas, a existência funciona de uma forma diferente, muito mais estática e plena do que nós podemos conceber. Seus objetivos limitam-se a existir, absorver o que é útil e integrar-se ao ambiente, ou morrer tentando. A morte não amedronta uma planta, pois sua maneira particular de sentir o fluxo do tempo de forma subdividida, que nos é incompreensível, impede que ela perceba a morte da forma como percebemos. Plantas a tudo reagem, a nível celular, e a morte que se aproxima fará o galho que caiu viver da forma que seja possível, célula após célula, até que nenhuma de suas mais infinitamente minúsculas partículas esteja viva. E então será o fim, e mais nada."

Bem me recordo das conjecturas ditas pela mulher com roupas sujas de médico a respeito da fragilidade da raça humana, e de sua visível dependência de tantas e quantas criaturas vivas, tanto quanto as suas diversas teorias a respeito destas tantas outras criaturas vivas, plantas e animais, e poderia narrá-las todas, mas prefiro ater-me ao drama de minha própria espécie.

"Tendo em vista a sujeição da poderosa raça humana ao caos e à aleatoriedade da natureza, o que faz a raça vampírica pensar que o seu destino poderia ser diferente?"

"Todas as criaturas da natureza estão sujeitas aos mesmos ciclos. As criaturas oníricas, as criaturas diabólicas, fantasmas, espíritos, demônios, o que é visível e o que não é, todos estão, de um modo ou de outro, presos ao intransponível ciclo natural que torna uns maiores e relativamente mais importantes do que os outros."

"Você mesmo... parece acreditar piamente em um posicionamento claramente natural, puro e simples resultado de evolução, para a existência da raça vampírica na Terra. Não é mesmo?"

Sim. Ela podia ler minha mente, e sabia que eu acreditava e sempre acreditei que vampiros são seres vivos. Diferentes, estranhos, bizarros, imunes a tantos extremos e incrivelmente vulneráveis a outros. Eu não precisei acenar com a cabeça para expor minha crença no fato de que mortos-vivos não existem, e que o que realmente acontece é uma metamorfose, uma transformação, uma evolução que eleva uma criatura ao patamar de vampiro, eterno sugador de sangue. Tudo o que eu pensava podia ser repetido pela mulher no todo ou em partes, na medida em que ela julgasse ser necessário ou importante.

"Sim. É tudo uma questão de reposicionar as moléculas, reestruturar o DNA e reconstruir a cadeia genética de uma forma um tanto ou quanto incomum, e pronto: temos os vampiros. Seres praticamente imortais, com capacidade regenerativa semelhante às das plantas e dos menores e mais primitivos animais. Some a isso um respeitável apuro em instintos e sentidos, a estranha maleabilidade de ossos... e dentes, e outras tantas capacidades de projeção mental, ilusionismo, telepatia e telecinesia, a locomoção e o movimento que transcendem o que é visualmente perceptível, a impressionante e inédita metamorfose a nível de modificação molecular... transformar-se em terra, vapor, fumaça, morcegos, corujas, lobos, ursos, e outras tantas coisas vivas ou aparentemente mortas... Ah, a habilidade de sumir nas sombras, ou de solidificá-las..."

"Enfim, some todas as tantas características positivas, inclusive as diversas outras qualidades que eu esqueci de mencionar, e subtraia as características negativas, defeitos e deficiências, que não são tantas, mas ainda assim são consideráveis, e temos o vampiro. O ser supremo e imortal. O predador perfeito..."

"Acredita mesmo que as infinitas revoluções da natureza responsáveis pelo surgimento dos vampiros parariam por aí?"

"A natureza é incansável. É a interminável busca por uma química perfeita, pela combinação ideal, que jamais será alcançada. A natureza é uma entidade infeliz e descontrolada a procurar desesperadamente pela felicidade e pelo autocontrole que jamais irá encontrar."

"Acha mesmo que, tendo se originado a partir da loucura frenética da natureza, o vampiro jamais teria de se preocupar, e sempre seria o centro das atenções, o eterno topo da cadeia alimentar?"

Nesse momento, a mulher riu.

Riu histericamente, gargalhando, e teve que puxar uma cadeira que havia ali em algum lugar, sentando-se para não cair.

"EU sou o atual topo da cadeia alimentar da Terra...", disse, ainda rindo.

Passou-se algum tempo antes que ela falasse de novo, voltando a ser tão gelada e inemotiva quanto antes.

"Isso foi um reflexo de minha humanidade. 'Rir é o melhor remédio'...", disse, e bocejou.

"Sou o atual topo da cadeia alimentar. Posso me alimentar de quem eu quiser, no planeta inteiro, exceto de vegetais. Não sou vegetariana, e, apesar de tudo, também não estou de regime..."

Ela contornou com as mãos sua pouco esbelta silhueta.

Era para ser uma piada, mas nem ela nem eu conseguimos rir.

Em lugar disso, ela levantou-se da cadeira, e colocou-se em minha frente. Havia estado caminhando para cá e para lá até então, e agora ficava frente a frente comigo. Era cerca de dez centímetros mais baixa do que eu. Mas permaneceu diante de mim com a imponência de uma rainha perante um de seus menores vassalos.

E seus olhos, afiadas lâminas de gelo novamente miravam os meus, e minavam minha resistência, meu ímpeto, minha força...

... e controlavam meu sangue!

"Sou o topo da cadeia alimentar", repetiu, pausadamente, e meu sangue vibrou a cada sílaba que ela pronunciava.

Ela piscou uma única vez, e o sangue congelou em meu corpo, tornou-se estático, simplesmente parou. E meu corpo inteiro parou junto.

Com um simples olhar, menos do que um gesto, ela havia conseguido remover toda a vida de meu corpo, e eu sei que poucos dentre os vampiros que já possuíram esta sensação conseguir retornar de um longo e tortuoso encontro com a morte final, pois era como se EU TIVESSE LEVADO COM UMA ESTACA EM MEU CORAÇÃO!

Sei como funciona a anafilaxia mais particular dos vampiros. O imediato entorpecimento e paralisia. A imobilidade total do corpo. Não mais poder reagir. O tempo que passa e o fim que se aproxima, lentamente... lentamente...

Estacas no coração explodindo corpos de vampiros e transformando-os em poeira em um segundo são besteira! Nunca ouvi falar de tal situação.

O que acontece de verdade é muito pior.

Impotência e incapacidade eternas. O sangue misteriosamente apodrece e se esvai. A carne vai murchando, e secando. Ossos se tornam quebradiços, viram farinha... "Do pó vieste e ao pó retornas".

E foi o que aquela mulher maldita fez comigo, SEM USAR ESTACA ALGUMA! Apunhalou meu sangue com seus olhos secos de adagas! Paralisou minha carne, como já havia feito com meu espírito.

E eu percebi que o processo degenerativo da carne já se iniciava, lento como sempre, porém bem mais rápido do que era de se esperar que fosse.

Ela tornou a perambular em torno de mim, e retomou seu monólogo.

"É uma habilidade interessante, o 'olhar da estaca'. Imobiliza o alvo, e o envia para a morte lenta, caso eu não interfira a tempo. A diferença é que, no caso de estacas de verdade, a remoção desta e a infusão de sangue iniciam um processo muito rápido de restauração, que retiram o vampiro do transe, e repõem de pronto

os tecidos afetados de seu organismo e sua mobilidade. Em meu caso, como não há estacas, não há como removê-las, não concorda?"

Senti que ela poderia ter rido da mórbida espirose de seu comentário, mas não o fez.

"Posso fazer isso, e muito mais, nos casos em que meu sangue já assumiu o controle da vítima. Como é o seu caso..."

"Possuo um tipo diferente de sangue, e você já deve ter visto do que ele é capaz. Na verdade, minha forma humana não passa de uma carapaça de carne e membros, um invólucro que me permite tocar e manipular coisas, e obter conhecimento. É muito conveniente apossar-me de um ser vivo às portas da morte, e herdar suas predisposições, suas habilidades, e o estudo adquirido durante uma vida inteira."

"Tenho preferência por cientistas e médicos. Hematólogos são a melhor opção, pois quanto mais conhecimentos sobre o sangue eu adquirir, melhor será... mais estudos poderei realizar. No entanto, já abdiquei do conforto e da inteligência humanas, optando por corpos bem mais ineptos. Cães, ratos, macacos e outros animais de sangue quente... Em determinados momentos torna-se necessário utilizar o que está à mão."

"Os últimos cientistas de que me apoderei, que incluem esta influente figura que agora fala com você, uma anestesiolegista de relativa fama, com algumas especializações marcantes na área cardiovascular, todos têm me sido de imensa valia, com seus tantos conhecimentos e sua curiosidade tipicamente humanas. De fato, trago comigo uma bagagem tão considerável de conhecimentos, anotações e teorias herdadas de tantos especialistas humanos, que acho que posso considerar a mim mesma como o ser mais inteligente da Terra."

"Existe sempre o inconveniente de, de vez em quando, eu necessitar de um corpo mais rápido, ou mais forte, de animal selvagem e primitivo. Isso drena meu conhecimento, pois sou obrigada a usar o instinto, e então tenho que começar minha pesquisa toda de novo assim que um novo corpo humano surge. E às vezes leva muito tempo antes que um novo corpo humano venha a ser tomado. São os problemas que todo mundo têm... Afinal de contas, ninguém é perfeito."

"Em decorrência disto, criei o hábito de fazer anotações de minhas descobertas e testes. Sou uma cientista neste instante, e sigo o método científico da mesma forma que este ser humano de cujo corpo me apossei costumava fazer quando em vida, e com ainda mais ímpeto, uma vez que não necessito de alimento e nem tenho necessidade de cumprir horários ou de degladiar-me contra desejos e emoções. Tenho comigo vários dos registros científicos importantes que os outros corpos de sábios que já tive desenvolveram, e outros tantos encontram-se espalhados, arquivados em locais seguros, alguns dos quais temporariamente esquecidos até mesmo por mim."

Pareceu-me óbvio que, naquele momento, a entidade divagava, inebriada por suas fenomenais capacidades e grandiloquente solilóquio, mergulhando cada vez mais nas profundezas da paranóia e do delírio. Mesmo assim, não conseguia me desvencilhar do tal "olhar de estaca", tão eficaz quanto me tinha sido dado a entender.

O que a anestesiolegista falou a seguir se constituiu em longa e tediosa palestra, a qual, em suma, transcorreu pormenorizando os diversos estudos desenvolvidos pelas várias cascas humanas ocupadas pela criatura, grandes sábios humanos falecidos. Pelo que pude compreender, tais estudos possuem diversos objetivos

menores e um grande objetivo final, que é o de garantir a subsistência independente da criatura, mas disso falarei mais tarde.

Esta entidade, segundo o que me foi explicado, possui a capacidade de se apoderar dos corpos dos seres vivos de sangue quente assim que suas mortes são constatadas, revivendo-os de algum modo e utilizando-se de suas memórias, sentidos e capacidades intelectuais ou físicas, a isso somando-se memórias e discernimentos adquiridos durante a estadia em outros corpos.

O corpo escolhido, ao que parece, sobrevive tão somente de seu próprio ímpeto e do pulsar de seu sangue (que é parte fundamental na trama - explicarei em seguida a respeito disto), sendo sublimadas suas demais necessidades, juntamente com as emoções e limitações físicas e mentais. O resultado é um verdadeiro dínamo de atividade em forma humana ou animal, capaz de passar semanas e meses apenas agindo, sem parar para dormir ou comer. Formas humanas, não raro técnicos e cientistas, são dedicadas ao estudo, obtenção e, principalmente, ao arquivamento de conhecimentos, que podem então ser encontrados mais tarde, por outras formas humanas, aptas a compreendê-los, ao passo que as formas animais são utilizadas durante o deslocamento, em fugas e memorizações de locais, etc. O corpo é o limite, e este acaba se desintegrando e esvaindo-se em deficiências alimentares, carências, e falências múltiplas dos mais diversos órgãos, sobrecarregado pelo excesso de atividade física ou intelectual.

Quando a utilidade de um corpo cessa, este é descartado e substituído por outro, de um modo que não me foi citado. Há uma grande rotatividade de corpos. Os seres humanos de maior intelecto detêm de igual modo capacidade e durabilidade física relativamente inferiores, e seus corpos não costumam resistir muito às maratonas de dias e noites inteiros e consecutivos de experimentação e estudo, de forma que um dos objetivos atuais seria proporcionar, através de fórmulas químicas e remédios, uma maior resistência a tais corpos. Uma primeira etapa - a imunização às doenças e até mesmo ao mofo e às certas outras formas de deterioração que atacam a carne - já havia sido concluída anteriormente, com resultados excelentes. Outros pontos importantes eram o aspecto visual do corpo e sua identificação, indispensáveis no convívio social com o restante da raça humana, que volta e meia tornava-se inevitável, tendo em vista obter acesso a documentos, arquivos, equipamentos, livros em bibliotecas, dados em computadores, entre outros - tais antecedentes eram mantido através de preparados secretos e tipos especiais de perfumes que disfarçam o cheiro de matéria orgânica morta, entre outras funções, e de documentos e certidões muito bem forjados, pois que falsificadores também não deixam de ser especialistas.

Em seu monólogo, a mulher possuída comentou a respeito de diversos outros aspectos que não compreendo ou que não julgo importantes, além da manutenção e da dissimulação dos corpos de que se apodera, portanto, passarei diretamente ao ponto crucial de sua existência: o seu relacionamento com os vampiros.

"Sou o topo da cadeia alimentar... e você faz parte de meu cardápio", disse-me aquela mulher, e os deuses sabem o quanto tal frase me atemoriza, desde que a ouvi pela primeira vez.

Sinto medo de continuar a escrever, assim como sinto medo de dormir. O sangue que não me pertence já se agita em meu peito, indicando tratar-se de dia claro, lá fora.

O período em que o sangue tornará a fugir de dentro de mim se aproxima, e tenho certeza que não poderei prosseguir com minha narrativa, no momento em que o sórdido fenômeno se iniciar.

Tentarei ser rápido.

O que acontece é muito simples, e muito terrível também: de algum modo, a criatura entra em contato com um ou mais vampiros, que passará a parasitar, transferindo a eles uma certa quantidade de seu sangue, tal como aconteceu comigo, no primeiro dia, naquele beco - a insinuante trilha de sangue fervilhante e irresistivelmente atraente no chão sujo do beco não passava de vil estratégia, elaborado de forma certa para permitir a captura da presa, no caso um vampiro... eu mesmo.

É um líquido belo, claríssimo, que se assemelha a um caldo em brasas, e inebria a visão, penetrando pelo olfato e nos privando da razão. A isca perfeita, que atraiu a mim como deve ter atraído a outros. A planta carnívora, cuja doce e odorífera secreção atrai o inseto para a morte certa é uma alusão válida, morbidamente adequada para representar tal caso.

Sei o que vi, e o que senti. O sangue mais belo, de aroma mais tentador e sabor mais agradável que se possa conceber. Como um alucinógeno, entorpece-nos, destacando-se ao primeiro contato visual. A seguir vem o cheiro, que invade nossas narinas e corrompe nossa sanidade, contaminando a vítima com afeição tal que faz com que tudo mais seja esquecido. Já fisgada pelo aroma, a vítima projeta seu corpo sobre a fonte, provando o sabor soberbo, inigualável...

... que agora não passa de uma terrível lembrança.

O que aconteceu do momento em que provei da isca de sangue no chão do beco em frente de mim é um completo mistério. Não consigo me lembrar do que vi ou deixei de ver, tão dopado que estive durante um bom tempo. Despertei não sei quantos dias depois, já contaminado... e condenado.

Condenado, afirmo eu, por razões que se tornam óbvias para qualquer outro irmão que possa estar lendo este relato, tenha alcançado este ponto, e possua um mínimo de discernimento. O bom leitor já deve estar imaginando com a necessária correção QUAL vem a ser o próximo estágio da infecção.

O sangue do predador, após ter penetrado no corpo do vampiro, que é sua presa principal, não mais o abandona, a não ser na hora da morte, conforme o que a mulher possuída me disse. Faço minhas novamente as palavras dela, que a tudo podem explicar com clareza idêntica ao gênio que expõe em público sua mais nova teoria...

"Meu sangue possui células um tanto ou quanto diferenciadas, além das costumeiras plaquetas e de uma quantidade muito maior de glóbulos brancos. Ao invés das hemácias, carregadas de oxigênio e hemoglobina, estudos realizados por alguns de meus 'corpos' antecessores revelaram que meu sangue carrega um outro tipo de célula bem particular, que possui um formato alongado, lembrando muito o tipo de bactéria conhecida como bacilo. Estas células, pelo que os primeiros estudos revelavam, constituíam-se em um agrupamento de vorazes predadores, que necessitavam de hemoglobina e outras substâncias nutritivas extraídas de hemácias para sobreviver. Algum de meus colegas batizou-as como 'glóbulos laranjas' - pela cor vermelho-clara e transparência que normalmente apresentam. Em movimentos rápidos, os glóbulos laranjas atacam e perfuram os centros das hemácias, atravessando-as tal e qual um bastão que atravessa uma argola. Tal fato ocorre com diversas hemácias, à base de seis ou sete para cada um dos glóbulos laranjas,

e uma após a outra é perfurada e assimilada. O glóbulo laranja, então, absorverá tudo o que cada glóbulo vermelho trazia consigo, integrando-os a si mesmo e fazendo-os simplesmente desaparecerem. No final do processo, um novo glóbulo laranja surgirá a partir do primeiro. As tantas experiências e observações feitas comprovaram que este procedimento de alimentação seguido por reprodução é fixo e considerado saudável para os 'glóbulos laranjas'. Não há variações em tal padrão de comportamento, quando este ocorre."

"Porém, existe uma grande rejeição de parte dos glóbulos laranjas para com o sangue humano ou animal normal. Exames feitos por alguns dos colegas anteriores a mim revelaram que o glóbulo laranja parece ignorar as hemácias convencionais, pois em meio ao sangue humano ou animal comum, o chamado sangue quente, o corpúsculo não parece propenso a atacar nem a se reproduzir, morrendo depois de algum tempo, ou sendo destruído pelos leucócitos, normalmente displicentes em relação ao invasor."

"Esta rejeição me faz acreditar em algum tipo de substância extra que o sangue humano recebe ao ser absorvido pelo organismo do vampiro, ambiente onde o glóbulo laranja age com potência total, adotando o chamado procedimento de alimentação saudável, que permite a reprodução. E esta teoria é a razão atual de minhas pesquisas. Tentar descobrir, usando VOCÊ como uma de minhas cobaias, por que razão estas minhas células recusam o sangue quente dos humanos, e preferem o sangue 'frio' dos vampiros, isolando componentes que diferenciem os diversos tipos de sangue e hemácias, simulando ambientes mistos, enfim, lançando mão dos procedimentos científicos em busca de soluções para estas dúvidas."

Mas, tal pesquisa não poderia se constituir por si só em um trauma que não fosse temporário. O pesadelo real é muito pior, e acontece em escala muito mais ampla do que uma simples extração de sangue usada em um exame de laboratório.

"Meu sangue, após ter penetrado em um corpo de vampiro, procura anular as defesas, dispersando de alguma forma os anticorpos, agindo como um tipo de veneno que ocasiona uma paralisia seletiva em todas as capacidades especiais, típicas de um vampiro, atuando também como um narcótico que causa grande interferência nos sistemas nervosos central e periféricos, isso só para citar alguns dos efeitos conhecidos. Você já deve conhecer a sensação... Os 'superpoderes' vampíricos falham, e geram efeitos colaterais inúteis ou indesejáveis. A isso somem-se as diversas alucinações, perda de memória, hipertermia e hipersensibilidade à estímulos externos, ou reações inversas à estas, entre outros tantos transtornos."

"Meu sangue, por ser uma parte íntegra de meu ser, também me concede um elo de contato mental com as diversas presas. Isso me permite tanto localizá-las quanto imobilizá-las e ler suas mentes, entre outras tantas possibilidades que eu prefiro não mencionar."

"O estágio final, e mais importante, é a minha alimentação. Você deve ter percebido que a voracidade típica de minhas células sanguíneas consegue causar enormes estragos no sangue do vampiro, assimilando as hemácias e reproduzindo-se logo a seguir, e isso são fatos, comprovados cientificamente por muitos dos que já me precederam. O que não foi explicado é o que ocorre em seguida, quando as pobres vítimas, como você, regurgitam o sangue, durante o dia, e este se move, desafiando leis e conceitos, rumando para um local de isolamento, por assim dizer... Gostaria de descobrir o que dá esta mobilidade toda ao sangue, e o porquê deste procedimento de fuga, e é para isso que estou com você aqui."

Neste íterim, cabe um comentário. Parece-me óbvio, agora, um acontecimento ao qual não dei a menor importância durante aqueles instantes em que transe e pavor impediam-me de raciocinar com mais clareza. A mulher possuía um relógio de pulso, e notei que, de quando em vez, durante seu discurso, ela o observava. Naquele momento da conversa, ela surgiu de trás de mim carregando caneta e um grande caderno tirados não sei de onde, com o que fez algumas anotações. Utilizando-se de uma lanterna típica de médico, lançou luz em meus olhos e dentro da boca, tateando meus dentes, e novamente anotou os resultados de sua conferência em seu caderno. Estava de óculos desta vez, e lembrava ainda mais do que antes uma inocente e benevolente enfermeira.

Não sei o que ela fazia nas diversas vezes em que a perdi de meu campo de visão, mas alguma experiência estava em andamento, à qual o tempo cronometrado no relógio de pulso serviu para indicar o término.

O fato é que ela concluiu a entrevista no mesmo instante em que a tal experiência teve fim.

"Certo. Já tenho parte do que vim buscar...", comentou, examinando algumas das páginas do caderno. "Você vai ficar aqui por enquanto. Aconselho-o a não se dirigir às ruas, pois o sol já vai alto, e eu preciso fazer mais alguns testes com seu corpo. Não seria adequado perder minha cobaia principal em um momento tão inadequado..."

Sim. Sou sua cobaia, e os testes que ela fazia, fossem o que fossem, eram feitos comigo. Terror é o que se sente quando se é um rato de laboratório nas mãos de um cientista louco e sádico que pode eviscerá-lo da forma que lhe convier, em nome do conhecimento.

Enquanto dirigia-se para um lugar que não pude identificar, pois densa neblina passou a turvar minha vista, ela despediu-se, lançando um conselho final, em tom de ameaça... "Também não recomendo que me siga. Tenho certos dispositivos naturais de defesa que podem deixar marcas bem dolorosas na mente, ou no corpo, de quem costuma se atrever a tanto..."

E a anestesiolegista louca desapareceu no meio do nada.

Minutos depois, recuperei a mobilidade do corpo, quase que de repente. Sacudi-me como um animal molhado, desfazendo o torpor e lembrando-me dos tais 'olhos de estaca'. Parecia que o sórdido artifício hipnótico perdia seu efeito.

Dei graças aos deuses por ainda estar vivo, e cambaleei na direção oposta à que a mulher tinha se dirigido. Segui-la? Sob hipótese alguma! Ainda não estou louco a ponto de querer lançar-me nas garras da morte certa.

Pelo que posso me lembrar, no instante seguinte acabei indo ao solo, como um reles e patético enfermo, para vomitar todo o sangue que havia em meu corpo. Mantendo o costume, houve dores fortíssimas e perda de consciência. Chego a ter dúvidas de que tal sucessão de acontecimentos tenha ocorrido realmente anteontem. Pode ter sido um dia antes disso... ou dois.

O fato é que perdi a noção do tempo, pois não sei a que horas despertei, e nem o que fiz depois de ter despertado. Nem este maldito computador, cujo relógio por alguma razão teima em voltar para o dia, mês e ano de sua fabricação a cada vez que o ligo, consegue me dizer que dia é hoje.

Tenho consciência de que posso ter despertado mais de uma vez, tendo saído do controle, agido de um modo qualquer em busca de alimento, e de forma inconsciente encontrado um esconderijo qualquer em algum lugar próximo. Pois é isso que acontece com os vampiros insanos, que perdem a memória, e o contato

com a razão. Não se tem mais idéia do tempo e muitas vezes acordamos cercados de cadáveres, sabe lá onde.

Sim, tenho consciência que o meu fim se aproxima. A loucura é sinal de morte vindoura para os seres da noite. Não há garantia de existência para vampiros lunáticos que demonstrem comportamentos bestiais e genocidas. A organização já deve estar com meu nome marcado, e caso eu não venha a explodir a mim mesmo em fúria e insanidade, colocando-me em uma situação sem saída, ELES farão o serviço.

Publicidade negativa é ruim para qualquer tipo de negócio.

Sinto-me desesperado.

Não sei mais o que escrever.

O que sei é que sou apenas um objeto de testes, e que mais uma vez o sangue se apronta para abandonar meu corpo. E eu não faço idéia do que irá acontecer em seguida.

Sinto como se eu fosse uma bomba-relógio prestes a explodir. Não sou mais vampiro. Não sou nada, nem ninguém.

Melhor parar.

Até breve.

(continua...)